CYRO DOS ANJOS

O AMANUENSE BELMIRO

Modernismo

Modernismo 1ª fase

1922 a 1930

Comissão organizadora da Semana de 22

Considera-se, para fins de história literária, que o Modernismo no Brasil inicia-se com a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, no ano de 1922. Mas antes desse evento, devem-se registrar alguns outros fatos que antecedem e antecipam a revolução modernista iniciada em 1922.

O mais importante desses antecedentes foi a exposição da pintora Anita Malfatti em dezembro de 1917, "Paranóia ou mistificação", publicado no jornal *O Estado de* S. *Paulo* de 20.12.17. O ano de 1917 marca também a estréia em livro de uma das mais importantes figuras da Semana de 1922, Mário de Andrade, que, sob o pseudônimo de Mário Sobral, publicou um livro intitulado *Há uma gota de sangue em cada poema.* Ainda nesse mesmo ano são publicados *Nós* de Guilherme de Almeida, *Juca Mulato* de Menotti del Picchia, *A cinza das horas* de Manuel Bandeira e *A frauta de Pã* de Cassiano Ricardo. São quase sempre, obras ainda muito ligadas à tradição, trazendo as marcas do intimismo simbolista, do decadentismo e mesmo do parnasianismo. Apesar disso, foi-se formando um grupo atuante de jovens escritores e artistas interessados na renovação das artes brasileiras, na libertação e na superação do academicismo e da estagnação cultural reinantes no país. Nos anos entre 1917 e 1922 publicam-se outros livros desses mesmos autores, como *Carnaval* de Manuel Bandeira (1919), *A dança das horas* e *Messidor* (ambos de 1919) e *O livro de horas de Sóror Dolorosa* (1920) de Guilherme de Almeida, e de outros, como *Le départ sous la pluie* (1919) de Sérgio Milliet e *Poemas* e *Sonetos* (1919) de Ronald de Carvalho. Em 1919 registra-se também o retorno do escultor Vitor Brecheret da Europa. Nesse período acontecem também exposições de pintores como Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro em várias cidades do país.

Todos esses acontecimentos na vida cultural do país convergem então para a realização da Semana de Arte Moderna, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Além de exposições de obras de artistas como Anita Malfatti, Vitor Brecheret, Di Cavalcanti e vários outros,

foram apresentados recitais com músicos como Villa-Lobos e Guiomar Novaes, conferências de Graça Aranha, Mário de Andrade e Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, tudo isso acompanhado das vaias do público escandalizado. Mas, apesar da reação negativa do público, como diz Mário da Silva Brito, historiador do movimento modernista,

(...) de qualquer forma, havia sido realizada a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T.S. Eliot, Proust, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica[1].

A semana de Arte Moderna marca o início da chamada "fase heróica" do Modernismo brasileiro, fase de consolidação do ideário inaugurado em 1922. É um período de grande efervescência cultural. Nesses anos publicam-se algumas das obras fundamentais da literatura brasileira, como por exemplo:

De Mário de Andrade:
- *Paulicéia Desvairada* (1922)
- *A escrava que não é Isaura* (1925)
- *Amar, verbo intransitivo* (1927)
- *Clã do Jabuti* (1927)
- *Macunaíma* (1928)

De Osvald de Andrade:
- *Memórias sentimentais de João Miramar* (1923)
- *Pau-Brasil* (1925)
- *Estrela de Absinto* (1927)

De Manuel Bandeira:
- *Ritmo Dissoluto* (1924)

De António de Alcântara Machado:
- *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927)

De Cassiano Ricardo:
- *Vamos caçar papagaios* (1926)
- *Martin Cererê* (1928)

À influência das vanguardas européias, como o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Expressionismo, a literatura do período soma a luta contra o academicismo passadista, contra o parnasianismo e o esteticismo, já esgotados enquanto possibilidades de expressão artística, mas ainda dominantes na literatura oficial e no gosto do público. Daí a procura de uma linguagem moderna, despojada das convenções do gosto acadêmico, a preocupação em incorporar os coloquialismos e os brasileirismos na língua literária, contrariando os padrões vigentes de submissão à norma gramatical.

Para manter acesa a chama do movimento, foram fundadas revistas e jornais, muitos de vida curta, com o que se procurava divulgar e discutir as novas idéias e as obras que iam sendo produzidas. A primeira dessas publicações foi a revista KLAXON, lançada em maio de 1922, que teve a duração de 9 números. Em 1924 foi lançada no Rio a revista *Estética* por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Morais, neto. Teve a duração de apenas 3 números, mas publicou artigos de grande importância, tanto de caráter ensaístico quanto de crítica literária.

Em 1928 surgiu a *Revista de Antropofagia,* que teve duas "dentições"; a primeira, dirigida por António de Alcântara Machado e Raul Bopp, teve 10 números mensais. A segunda, dirigida por Geraldo Ferraz,

1 Cit. por Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, pg. 384.

publicada semanalmente como página do jornal *Diário de São Paulo,* durou de março a agosto de 1912. A revista divulgou o movimento da *Antropofagia,* lançado por Osvald de Andrade com o *Manifesto Antropófago* em 1928.

Os modernistas de 1922 não formavam, naturalmente, um grupo homogêneo. Já por formação e gosto, representavam diferentes tendências estéticas. Na obra posterior de muitos deles, como por exemplo Guilherme de Almeida, nota-se mesmo um retrocesso em relação ao movimento modernista de 1922. Também não se pode negar que houve na Semana de Arte Moderna muito de provocação, de brincadeira quase, o que foi reconhecido por Mário de Andrade num balanço do movimento apresentado sob a forma de conferência em 1942. Estas disparidades refletem-se nas várias direções que tomaram os modernistas depois de 1922, dividindo-se em vários grupos e lançando manifestos de várias correntes dentro do Modernismo.

Assim, em 1924, Osvald de Andrade lança o *Manifesto da poesia pau-brasil*, procurando aliar modernismo e primitivismo. Depois em 1928, o mesmo Osvald de Andrade lança o *Manifesto Antropófago,* em que ele, invocando a antropofagia dos primeiros habitantes do território brasileiro, defende a incorporação crítica de todas as influências estrangeiras que se juntaram para formar a civilização brasileira.

Em 1925 surgiu o Verdeamarelismo, movimento de tendências nacionalistas fundado por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e Plínio Salgado. Esse mesmo grupo, aprofundando essas tendências, lançaria em 1929 a Escola da Anta, acentuando o caráter nacionalista-ufanista conservador do Verdeamarelismo. Essa coloração ideológica identificaria o movimento da Anta com o movimento político do Integralismo, de tendências fascistas, fundado por Plínio Salgado.

Além desses grupos, vale citar ainda o grupo em torno da revista *Festa,* de Tasso da Silveira, de tendência católica e espiritualista.

Agrupavam-se em torno de *Festa* autores como Adelino Magalhães, Gilka Machado, Murilo Araújo e, logo depois, poetas como Cecília Meireles e Murilo Mendes.

O Modernismo brasileiro não se esgota com sua "fase heróica". A partir dos anos de 1930 o Modernismo consolida-se e diversifica-se. Se nem tudo o que se produziu durante a "fase heróica" ficou, ainda assim o que ficou pertence ao que de melhor se produziu na literatura brasileira. E as possibilidades que abriu não podem ser subestimadas. É com razão que diz Mário de Andrade, em artigo de 1940:

O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta[2]...

2 Mário de Andrade, "Modernismo", em *O empalhador de passarinho*, pg. 189.

Modernismo 2ª fase

1930 a 1945

Passado o momento de contestação dos valores tradicionais da arte do século 19, quando os modernistas afirmam: "Não sabemos o que queremos; sabemos o que não queremos.", referindo-se exatamente às convenções do passado, começa o segundo período do Modernismo brasileiro, conhecido como *fase construtiva*.

Esse período esteve marcado por um aprofundamento das propostas do Modernismo inicial em obras de forte caráter pessoal, Terminado o esforço coletivo de instauração do novo gosto artístico, estabelecidos os padrões da nova sensibilidade, cabe agora a cada artista desenvolver, com base nos novos critérios, suas obras. É a hora do recolhimento e da reflexão que dêem seqüência ao impulso de renovação inicial da década anterior.

As duas linhas centrais de desenvolvimento da arte literária serão:

.a consolidação de uma linguagem nova;
.e a radicalização de uma visão crítica do país.

Na poesia surgem definitivamente – dado que muitos destes nomes já haviam iniciado suas produções em anos anteriores – Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Morais, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Enquanto avançam as obras de Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Na prosa, a manifestação de maior repercussão, dentro e fora do país, é a do Romance Regionalista Nordestino. Aglutinados em torno da figura seminal de Gilberto Freire, autor de *Casa Grande e Senzala,* um clássico dos estudos sociais brasileiros, e estimulados pelo romance de José Américo de Almeida, publicado em 1928, intitulado A *Bagaceira,* os autores que mais se destacaram nesse movimento foram:

Jorge Amado, da Bahia *(Cacau, Jubiabá, Capitães de Areia)*;
José Lins do Rego, da Paraíba *(Menino de Engenho, Fogo Morto)*;
Raquel de Queirós, do Ceará (O *Quinze);*
e Graciliano Ramos, de Alagoas *(Vidas Secas, São Bernardo, Angústia)*.

O sucesso do Romace Regionalista Nordestino dos anos 30 se fez ouvir dentro e fora do Brasil. O Neo-Realismo português dos anos 40 é uma espécie de eco ao estímulo representado pela literatura brasileira da década anterior, cujos autores na verdade se encontram ainda em atividade na seguinte. Tal sucesso, no entanto, terminou por abafar toda uma tendência das letras nacionais que então também se manifestava: o romance intimista, representado por nomes como Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Ciro dos Anjos, entre outros.

Ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo e Dionélio Machado desenvolviam suas obras, aquele com maior fama e prestígio, este mais obscuramente. Dionélio Machado, talvez o maior escritor do período ao lado de Graciliano Ramos, só obteve reconhecimento da crítica muitos anos mais tarde, já na década de 70.

Modernismo 3ª fase

ou Pós-Modernismo 1945 em diante

O período mais recente da literatura brasileira, iniciado no pós-guerra é sobretudo caracterizado por uma diversidade de manifestações artístico-literárias bastante grande e muitas vezes contraditória. A própria designação pós-modernista não quer dizer quase nada sobre as coisas que designa, a não ser que se trata de manifestações posteriores ao Modernismo, o que nem sempre é esclarecedor, nem mesmo exato. Sem aprofundar essa discussão, mas chamando a atenção para o fato, lembramos que são muitos os autores ou movimentos literários dignos de menção nesse período. No entanto, dada a natureza sintética deste texto, que deve apenas fornecer as referências básicas para a situação das obras a serem estudadas, destacaremos apenas três nomes:

João Cabral de Melo Neto – poeta (A *Pedra do Sono, Morte e Vida Severina,* A *Educação pela Pedra, Agrestes);*

Clarice Lispector – ficcionista – (*Perto do Coração Selvagem,* O *Lustre,* A *Maçã no Escuro, Água Viva, Laços de Família,* A *Hora da Estrela);*

João Guimarães Rosa – (*Sagarana; Grande Sertão, Veredas; Corpo de Baile; Primeiras Estórias; Tutaméia; Estas Estórias; Ave, Palavra)*.

Esses três nomes constam entre os maiores da literatura brasileira e, quem sabe, universal. Cada um deles já mereceria um estudo profundo e extenso, o que, já dissemos, transborda os limites deste texto.

No entanto, é preciso dizer, sobre Guimarães Rosa cujo livro *Primeiras estórias* integra a lista de obras da Fuvest.

João Guimarães Rosa produziu um dos maiores abalos a que o solo da literatura nacional já assistiu. Seus textos foram desde o início elogiados ou criticados com veemência, o que dá uma medida do caráter perturbador que possuíam. Em pouco tempo, a literatura crítica sobre Guimarães Rosa se avolumou dentro e fora do país. O seu nome se fez respeitar por escritores e críticos de diferentes idades e nações. A marca mais característica de suas obras foi o alto teor de invenção linguística nelas contido. Trabalhando basicamente os temas ligados à vida do homem do sertão brasileiro, com uma cultura de cidadão do mundo, Rosa produziu uma obra regionalista e ao mesmo tempo universal. Comparado aos maiores romancistas do século, sobretudo ao irlandês James Joyce, Rosa insistia em afirmar a especificidade de sua relação com a palavra, que ele dizia ser de natureza meta física, já apontando com essa declaração a forte impregnação mítico-religiosa de sua obra. Em muitas de suas estórias, o mistério, a possiblidade de milagre, o caráter encantatório da poesia, as lutas de Deus e do diabo no interior na alma humana são os aspectos centrais. Ler Rosa é aventurar-se na travessia do mistério da existência humana e é também vivenciar uma das maiores proezas já realizadas no idioma português. É preciso ler Rosa, é preciso ouvi-lo.

Para finalizar esta apresentação, um trecho de uma entrevista por ele concedida a um crítico alemão chamado Gunter Lorenz:

LORENZ: Uma vez você me disse que quando escreve quer se aproximar de Deus, às vezes demasiadamente. Certamente, isto também se relaciona com a língua. Como se deve entender isso?

GUIMARÃES ROSA: Isto provém do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. No fundo é um conceito blasfemo, já que assim se coloca o homem no papel de amo da criação. O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista

que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método. O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal.

LORENZ: Então, novamente, também na língua o compromisso humanista, o "compromisso do coração", do qual você falou.

GUIMARÃES ROSA: Sim, é isso. Você, meu caro Lorenz, em sua crítica ao meu livro escreveu uma frase que me causou mais alegria que tudo quanto já se disse a meu respeito. Conforme o sentido dizia que em *Grande Sertão* eu havia liberado a vida, o homem, *von der Last der Zeitlichkeit brefeit* (Liberto do peso da temporalidade). É exatamente isso que eu queria conseguir. Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo "compromisso do coração". A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve.

LORENZ: Na verdade você está de acordo, depois de tudo o que disse, em ser chamado de revolucionário da língua? A expressão "revolucionário" está tão desgastada, que mal pode fazer justiça ao que você define como língua e relação para com a língua e dever desta.

GUIMARÃES ROSA: Você disse justamente o certo! Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem. Veja como se tornam insensatas as frases feitas, tais como "revolucionário" ou "reacionário", quando as examinamos em função de utilidade, quando a gente as toma *beim Wort nimmt* (Toma literalmente), como dizem os alemães.

LORENZ: Você não é nenhum revolucionário, embora ponha a língua toda de cabeça para baixo e trabalhe para o futuro. Você recusou noções como genialidade e intuição. Como explica seu processo de criação, aquilo que denominou "chocar" seus livros?

GUIMARÃES ROSA: Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente, pode explodir no ar. A Alquimia do escrever precisa de sangue do coração. Não estão certos quando me comparam com Joyce. Ele era um homem cerebral, não um alquimista. Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão.

Diálogo com Guimarães Rosa, Günter Lorenz, em *Guimarães Rosa*, Coleção Fortuna Crítica, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1991.

O amanuense Belmiro

Cyro dos Anjos

Apresentação e contextualização

O amanuense Belmiro, principal obra do escritor mineiro Cyro dos Anjos, foi publicado pela primeira vez em 1937, situando-se, portanto, na chamada Segunda Fase do nosso Modernismo, que vai de 1928/30 até 1945. A prosa dessa época foi marcada por duas correntes que, volta e meia, se cruzavam. De um lado, o chamado romance regionalista, de maior visibilidade crítica e popular, praticado principalmente pelos autores do Nordeste, voltado prioritariamente para o retrato crítico da realidade social brasileira (daí o rótulo de "neo-Realismo"). De outro lado, o chamado romance introspectivo, voltado para o desvendamento psicológico dos personagens, freqüentemente por meio do desenvolvimento da elucubração interior deles ao longo da narrativa, de modo a analisar os processos íntimos de tensão existencial.

A preocupação em debater problemas sociais e políticos não está ausente da história do amanuense (funcionário público) Belmiro, o que podemos observar, ao longo do livro, no confronto de personalidades e idéias entre os amigos do narrador protagonista: Silviano e Glicério, defensores do pensamento fascista de disciplina e hierarquização da sociedade, debatem com Redelvim, membro ativo do Partido Comunista, e Jandira, simpatizante das idéias revolucionárias mas sem engajamento político mais efetivo. O próprio Belmiro se vê envolvido em problemas com a polícia por causa do colega revolucionário, mas o fato é que as disputas entre os amigos servem apenas para reforçar a personalidade indefinida e desorientada do amanuense, como veremos mais adiante.

A obra de Cyro dos Anjos filia-se, muito claramente, à segunda corrente da literatura da nossa segunda fase modernista. Como bem observou o crítico Antonio Candido:

"*O amanuense Belmiro* é o livro de um burocrata lírico. Um homem sentimental e tolhido, fortemente tolhido, pelo excesso de vida interior, escreve o seu diário e conta as suas histórias. Para ele, escrever é, de fato, evadir-se da vida; é a única maneira de suportar a volta às suas decepções, pois escrevendo-as, pensando-as, analisando-as, o amanuense estabelece um movimento de báscule entre a realidade e o sonho."

Não deve ter sido difícil para você perceber o acerto dessas palavras quando aplicadas à história de Belmiro, que você leu anteriormente. A seguir, desenvolveremos com detalhes a análise de Antonio Candido, estudando alguns aspectos essenciais da estrutura do romance, ao mesmo tempo em que tentaremos interpretar algumas passagens desse livro tão complexo em sua aparente simplicidade. Antes, saiba um pouco mais sobre a obra:

Resumo do enredo

§ 1. *Merry Christmas!*

Belmiro e os amigos, depois de nove ou dez chopes, discutem, em uma mesa de bar no Parque (Municipal) de BH, véspera de Natal, o "sentido da vida". Os amigos: Redelvim (discute sempre com Silviano), Silviano (casado com Joana, sofre a crise dos 40: anda à cata de moças em flor, sem sucesso), Glicério (o mais jovem e recente membro da turma) e Florêncio (bem humorado e provocador).

Silviano diz que a saída está na conduta católica: suprimir os desejos, fugir da excitação. Belmiro o contradiz, para provocar; Glicério tenta entrar do lado do amanuense, mas Silviano não discute com ele. Redelvim reclama da paradeira de BH. Silviano diz que o problema não é a cidade (exterior), mas eles mesmos (interior) – "Em Paris é a mesma coisa". Depois fica indignado porque os amigos lhe gozam a referência a Paris. Belmiro propõe a dissolução da mesa. É tarde. No caminho para casa, o amanuense encontra-se com Prudêncio Gouveia, um bom vizinho que gasta um pouco do seu parco inglês desejando um *Merry Christmas* a Belmiro.

§ 2. O "Excomungado"

Em casa, é recebido pelas manas velhas, que estão de mau humor: Emília, com sua mania de chamá-lo de "excomungado" (no que é secundada pelo papagaio, Tomé), pressentindo nele a "dissolução de espírito", é a "presença vigorosa e viril" da casa, a lhe lembrar a atmosfera moral da casa de fazenda em Vila Caraíbas; Francisquinha, "perturbada de nascença". Ambas foram "herdadas" por Belmiro depois da morte do velho Borba, bem depois da morte da velha Maia. Apesar de tão distante delas, Belmiro reconhece que elas "enchem a casa".

§ 3. O Borba errado

A paradeira da rua leva Belmiro ao devaneio na noite de Natal, um retorno ao passado: confessa-se um "Borba falido". O pai o queria para agrônomo ou agrimensor, voltado para as coisas da fazenda, mas Belmiro gastou sua juventude em serenatas e pagodes. A mãe tentou encaminhá-lo para as "letras agrícolas", mas ele gastou seu tempo e o dinheiro do pai enturmando-se com literatos boêmios da capital. Brigou feio com o pai, depois, conseguiu uma colocação de amanuense graças a um deputado. Pensa que, na verdade, o pai foi o primeiro a trair a "linhagem rural": era mais dado aos clássicos e ao elogio jornalístico da vida rural do que aos afazeres da fazenda.

§ 4. Questão de obstetrícia

O cão do vizinho ladra, Belmiro não consegue dormir, levanta-se, vai até a janela e joga à rua, raivoso, um sapato velho, apenas para descarregar a raiva. Herança dos Borbas: repentes que passam depois de uma quixotada, um descarrego de alma em qualquer objeto, a esmo. Confessa então que a insônia da noite de Natal o levou a iniciar a escritura do livro. Está "grávido" de suas memórias: o "amanuense complicado, meio cínico, meio lírico", confessa que seu desejo é falar do passado: "Minha vida parou e, desde muito, me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio".

§ 5. Ano-bom

"(...) conflito que há em mim no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, que estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos,

tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço." Ilustra com o episódio do cego da sanfona, que transporta para o sanfoneiro dos domingos adolescentes em Vila Caraíbas. Sua memória viaja tanto que é necessário que Florêncio (o "homem sem abismos") vá buscá-lo para a ceia de Ano-Bom; só não compareceram Glicério e Jandira – de quem Mariana, "boa matrona" do amigo, não gosta.

§ 6. Carnaval

Reconhece que só escreve em "datas especiais": está tão habituado à rotina que os "dias de festa coletiva" introduzem no seu cotidiano o desagradável desequilíbrio da multidão. Apesar das "vibrações estranhas" da multidão, não consegue comunicar-se com ela, prefere o "horizonte doméstico" das suas lembranças, o "mergulho mais profundo" nos seus abismos: "Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, outro há que analisa e estiliza o sofrimento".

§ 7. A donzela Arabela

Na Praça Sete, é envolvido por um cordão carnavalesco; entrega-se "àquela humanidade que me pareceu mais cansada que alegre". É arrastado para lá e para cá pelos cordões; embriaga-se de éter e álcool e termina em um salão. Em um dado momento, dá o braço a uma branca donzela, como a Arabela, "donzela do castelo que tem uma torre escura" onde canta doridas melodias, e que um dia morreu de amor, mito infantil dos seus tempos de fazenda. Perturbado pela visão, desmaia, é socorrido, acorda em um canapé, o sol alto. "Nesta noite de quarta-feira de cinzas, chuvosa e reflexiva, bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre mão de suas conquistas, e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser. Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – (...) – parece-me a única estrada possível."

§ 8. O luar de Caraíbas tudo explica...

Fica três ou quatro semanas sem escrever, reconhece que não está conseguindo seu intuito de voltar ao passado pela escrita: "Tudo se torna claro aos meus olhos: depois de uma infância romântica e de uma adolescência melancólica, o homem supõe que encontrou sua expressão definitiva e que sua própria substância já lhe basta para as combustões interiores; crê encerrado o seu ciclo e volta para dentro de si mesmo, à procura de fugitivas imagens do passado, nas quais o espírito se há de comprazer. Mas as forças vitais, que impelem o homem para a frente, ainda estão ativas nele e realizam um sorrateiro trabalho, fazendo-o voltar para a vida, sedento e agitado. Para iludir-lhe o espírito vaidoso, oferecem-lhe o presente sob aspectos enganosos, encarnando formas pretéritas" – interpretação do espisódio de Arabela. Explica por que não tem escrito: depois do episódio de Arabela, põe-se a procurá-la como doente de amor. Chega a confessar-se com Silviano. Bebe e vagabundeia; o chefe obriga-o a tirar férias. "O luar de Vila Caraíbas tudo explica".

Busca agoniado, na imagem do passado, o passado que quer recuperar: "A vida não se conforma com o vazio, e a imagem da moça encheu-me os dias". Reconhece que "a literatura das emoções é feita a frio, e a memória ou a imaginação é que reproduz ou cria as cenas passionais".

§ 9. As velhas

Segundo motivo para interromper a escrita: Emília vê-se "às voltas com sua gota ciática" e Francisquinha piora muito: tem que trancá-la no quarto, onde arranha as paredes e grita coisas desconexas. Vê-se perseguida por uma mula-sem-cabeça, até que encontra um ninho de ratos sob o assoalho e resolve cuidar deles. Aos poucos, a casa melhora: Emília cozinha, Francisquinha diverte-se, lavando a roupa ao seu modo. Manda buscar papel na repartição para dedicar-se ao livro: "Viva a Seção que me dá o pão e o papel".

§ 10. Uma casa, numa rua

Belmiro passeia com Glicério e reconhece uma casa em que batera por engano anos atrás, e onde ouvira

uma dama cantar uma antiga canção que Camila entoava em Caraíbas; do gradil, pende uma dama-da-noite cujo aroma também o lança a Caraíbas. Glicério lhe informa que ali morava Carmélia Miranda, cujo pai morrera recentemente, moça de inegável beleza física, muito fina. Belmiro volta a casa depois de separar-se de Glicério, vê a moça à janela e enxerga nela Arabela. No retorno a casa, começa a sonhar com um romance, mas é surpreendido em suas divagações por Jandira – amiga íntima, a quem a timidez sempre lhe impediu de cortejar, apesar de tão desejável. A amiga conta-lhe do emprego que arranjara, faz hora, mas não diz realmente a que veio.

§ 11. O amanuense amando está

Belmiro perde-se em divagações amorosas no escritório, rabisca um soneto com a complacência dos colegas amanuenses, todos frustrados e revoltados com o destino, à exceção de Filgueiras, exemplo de funcionário dedicado e amante da profissão. Belmiro, por sua vez, acostumou-se à profissão, que, de resto, não lhe exige esforço: a seção de Fomento nada fomenta.

§ 12. Conversação com Jandira

Os amigos encontram-se para bebemorar o emprego de Jandira. Indagado por Belmiro, Silviano afirma ter mentido para conseguir comparecer à reunião sem atritos com a patroa. Jandira repreende os casados pelas mentiras. Belmiro nota a presença de um estranho que fica alheado a seu canto. Inicia-se uma discussão política: "Glicério e Silviano inclinam-se para o fascismo, Redelvim e Jandira tendem para a esquerda. Só eu e Florêncio ficamos calados, à margem". O resultado é que Belmiro é tido por "pequeno burguês" por Redelvim e acusado de uma "irreprimível vocação plebéia" por Silviano. A discussão acaba com a festa. Quando todos saem, Jandira pede para falar-lhe.

§ 13. A confidência

Jandira confidencia a Belmiro que o estranho propunha-lhe casamento, "sem direitos de exclusividade". A amiga queixa-se das dificuldades da vida: sozinha, às voltas com os seus desejos, perseguida pelos homens, sem amparo – como resistir por tanto tempo? Belmiro, perdido no porquê de Jandira usá-lo como uma amiga que ela não tem, faz uma brincadeira de mau gosto, oferecendo-se. Depois, tenta desculpar-se animando a amiga, o que surte bom efeito: Jandira qualifica-o como um "analgésico", o que não o deixa satisfeito...

§ 14. Analgésico etc.

"Afinal, todos, exceto eu, sabem o que sou... Acham indispensável classificar o indivíduo em determinada categoria. E se eu não for coisa alguma, ou for tudo, ao mesmo tempo?"

§ 15. Missa de trigésimo dia

Depois de um período de esquecimento, Belmiro volta a sua obsessão: comparece à missa de trigésimo dia do pai de Carmélia/Arabela. Acaba não captando uma imagem nítida da moça, evitando-lhe o olhar. Depois, recrimina-se por aquele amor impossível a uma moça "da alta", fina, rica, tão jovem: "Amigo Quixote, todos os cavaleiros andantes já se recolheram e não há mais Dulcinéias."

§ 16. Um São João que vai longe

As crianças brincando o São João na rua remetem Belmiro aos velhos tempos, às festas de São João da sua infância em Vila Caraíbas.

§ 17. Que os Borbas me perdoem

Belmiro começa a adular Glicério para conseguir alguma informação sobre Carmélia. O rapaz freqüenta outras rodas, o que força Belmiro a mudar o vestuário e as companhias, submetendo-se ao despotismo do colega. Glicério mistifica a amizade com a turma de amigos do amanuense ("monstros literários, inacessíveis,

que só admitem em seu círculo a ele"), o que lhe dá um halo misterioso em sua roda. A roda de amigos aceita Glicério porque também lhes alimenta a vaidade.

§ 18. Um baile das moças em flor

O amanuense é arrastado por Glicério à casa do Senador Furquim, para um pôquer que logo se transforma em festa de jovens. Isolado em um canto, Belmiro vê as moças: "Traziam-me uma imagem da vida que foge, e foge sem dó. Nada mais depressivo que sentir outras gerações surgirem depois da nossa e nos disputarem espaço. (...) Por um momento, experimentei uma transfiguração: senti-me em Vila Caraíbas, no bom tempo das polcas e das quadrilhas, que ainda alcancei; transportei-me a uma janela, idiliei ao pé de um jasmineiro. (...) O baile me deixou miserável, pela sensação de aposentadoria. O serviço público não jubilou, ainda, este burocrata mestre. Mas a vida está me encostando, nem há dúvida."

§ 19. Idiota, idiota, idiota

Glicério vai viajar por sete dias, o que deixa Belmiro aborrecido. Sente-se um idiota completo: é incapaz de interpelar diretamente Glicério, vê o ridículo daquela paixão impossível por uma moça que não chegou aos vinte, mas não reage. Sente-se tão desequilibrado e extravagante quanto Francisquinha, que trocou os ratos por pintinhos.

§ 20. Silviano e o problema fáustico

Em visita à casa de Silviano, enquanto espera o amigo, Belmiro encontra o seu diário e lê uma anotação "Problema: – o eterno, o Fáustico – O amor (vida) estrangulado pelo conhecimento". Descrição de Silviano: "um ser múltiplo (...) algo extra-humano e puramente cerebral"; incapaz de expressar-se diretamente sobre qualquer coisa; parece viver/ver cada uma das quatro, cinco versões que apresenta para qualquer fato, suas mentiras são uma recriação da realidade com base em elementos da sua imaginação (apresenta as coisas como gostaria que se apresentassem), é um mentiroso consciente (exemplo: Joana sabia de sua presença em casa de Jandira; aceitara-a para poder ter a mãe em casa alguns dias). Silviano chega, vindo de um encontro com Florêncio e revela a Belmiro uma sua descoberta: "– O mito Donzela Arabela é um símbolo fáustico, Porfírio!" – outra mania, trocar os nomes das pessoas. Belmiro, espertamente, repete as palavras que lera no diário, o que impressiona o amigo, que lhe mostra um trecho de Salvador Albert: "*En efecto, el problema de Amiel, como el de tantos hombres, era la estrangulación del amor por el conocimiento: el problema de Fausto*". Em resumo, essa "aspiração do imaterial e do intemporal feminino, também minha, é de algum modo, uma inquietação fáustica...". As raparigas, assim como aquelas que fogem do herói em *Also sprach Zarathustra*, "representam a vida que foge diante do asceta!" Silviano excita-se, mas Joana chega com o café, acalmando seu homem. Belmiro bebe e se despede.

§ 21. Uma data importante

25 de agosto de 1935 – Belmiro faz 38 anos. Amanhece melancólico, mas satisfaz-se com o sentimento de "inquietação fáustica": "Grande coisa é encontrarmos um nome imponente, para definir certos estados de espírito. Não se resolve nada, mas ficamos satisfeitos. O homem é um animal definidor." Em casa, vai tudo bem: Francisquinha melhora muito; Emília prepara para ele o peru de aniversário dos Borbas e suprime o anteparo de papelão à mesa. Belmiro come e bebe bem, sai para a rua sem o "travo amargo" das coisas, Arabela não lhe dói muito. Mais tarde, aparecem os vizinhos e os amigos para cumprimentá-lo.

§ 22. Onde se apresenta um revolucionário

Redelvim aparece em casa para pedir um aval de Belmiro ("temos uma sociedade de avais mútuos") e fala de uma "revolução proletária" iminente: a polícia fechara a sede do partido e apreendera a relação dos membros, na qual ele estava incluído. Belmiro se preocupa com o amigo, mas Redelvim condena-o por suas preocupações burguesas com a própria pele e sai. O amanuense fica inquieto: ao contrário do amigo revolucionário, preocupa-se, sim, com os indivíduos, teme pela dissolução do círculo de amigos por causa

das divergências profundas, teme por Redelvim e Jandira. História da amizade com Redelvim: conhece-o há 15 anos, moraram juntos em uma república de estudantes, Belmiro gosta muito dele, sente as críticas do amigo, mas sabe que ele não passa de um "anarquista lírico".

§ 23. Chuvas de setembro

O cheiro da terra quente molhada pelas chuvas de setembro desperta em Belmiro o seu "temperamento campesino", como definido pelo comendador Linhares, homem curioso que lhe disse certa vez haver nele "sentimentos de ordem moral", quando Belmiro lhe afirmava conservar "apenas preceitos morais, legados pelo velho Borba".

§ 24. Análise espectral de Carmélia

Glicério volta de viagem e Belmiro se dá conta de sua reação à "ridícula história da noite de carnaval": "pura imaginação: tudo se resume nisso e nada há além disso". Em compensação, trata mal Glicério, em quem desconta os maus momentos vividos nas semanas anteriores.

§ 25. Giovanni e Pietro

O dia de Belmiro começa com a cunhada do velho vizinho Giovanni invadindo a sua casa aos berros, em um dialeto qualquer da Itália. Vai até o vizinho e o encontra em pranto convulso. Em dialeto, o velho conta-lhe que o seu *banbin*, em quem dera uma baita surra por ter sido preso pela polícia em companhia de ladrõezinhos arrombadores, fugira revoltado de casa. Belmiro promete ajudar o velho Giovanni, intercedendo por ele a seus conhecidos na polícia.

§ 26. Nova conversação com Jandira

Já há pistas de que o filho de Giovanni fugira para a casa do padrinho, em Diamantina. Belmiro resolve procurar Jandira, mas não a encontra em casa à noite: estava fazendo serão com Dr. Pereirinha, o patrão advogado, o que acaba por preocupar Belmiro ("Desde que se inventou a datilografia, e as mulheres (de preferência moças e bonitas) têm sido ocupadas nesse ministério, as complicações se multiplicaram na face da terra".) Por isso, vai procurar a amiga no dia seguinte de manhã. Encontra-a inquieta e de mau humor: xinga os homens e faz piada das preocupações de Belmiro com seus envolvimentos políticos. O amanuense acha graça e perde-se na contemplação das formas de Jandira, que se movimenta bastante na sala, exibindo as "carnes saudáveis". Ela repara e se compõe: "Jandira desnorteia a gente. (...) É partidária do amor livre e de todas as outras liberdades, mas defende-se como leoa, sempre que está em xeque."

§ 27. Idéias da Emília

Francisquinha piora de novo e Belmiro, para tranqüilizar Emília, se submete a uma sessão espírita tramada pela irmã e pela Josefa lavadeira, para "expulsar o espírito" da mana. Emília acredita: "– Chica vai melhorá com o dijitório de Deus. O esprito saiu."

§ 28. Problemas de proletária

Jandira, fora dos seus hábitos, espera por Belmiro à saída da repartição. Antes do jantar, no parque, conta-lhe sua história: assediada sem tréguas pelo seu patrão, o Dr. Pereirinha, deixara o emprego. Repete suas queixas: resistir aos assédios, reprimir os desejos... Belmiro faz graça com os problemas da amiga e desvia a conversa do tom melancólico. O jantar é alegre e regado a vinho.

§ 29. É um espírito realista

Belmiro vai levar o *Hamlet* que prometera a Jandira. Acha que ela não vai gostar da cena poética da morte de Ofélia. A amiga tem um espírito realista demais...

§ 30. A propósito de Glicério

Belmiro arrepende-se de ter cortado de modo tão repentino e grosseiro as relações com Glicério, que não entende o que está acontecendo. O jovem amigo é o único que conseguiu cativar a tolerância de Emília: com brincadeiras e um corte de cetineta de presente. O filho de Giovanni está mesmo em Diamantina e espera-se para logo a sua volta para casa, com o compadre do italiano.

§ 31. Um dia bem-humorado

Belmiro faz as pazes com Glicério, relatando a ele seus sonhos com Carmélia/Arabela; o amigo lhe oferece os serviços caso ele tenha uma recaída na paixão.

§ 32. Os acontecimentos conduzem os homens

O narrador tece comentários sobre a "expulsão do passado" pelos personagens do seu cotidiano, que se impõem: "agora é o presente que me atrai."

§ 33. Ritornelo

"Escapou-me ontem, à noite, esta lamentação: acham-se no tempo, e não no espaço, as gratas paisagens". Narra sua última visita a Vila Caraíbas, em 1924, quando o pai já morrera e as irmãs viviam na cidade: "Em vão busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos. Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir e se arremessou para trás, inapelavelmente. (...) O que a meus olhos surgiu foi a sombra miserável de um tempo que morreu. (...) As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. (...) Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós."

§ 34. "Desculpem a poeira"

Interlocução com o leitor. Comenta os desníveis de seu diário: justo quando afirmava a predominância do presente na obra, tem uma recaída no passado – "Tais desnivelamentos é que compõem a minha vida e lhe sustentam o equilíbrio."

§ 35. Francisquinha piora

Belmiro é forçado a levar Francisquinha para o Instituto de Alienados, com a anuência de Emília. Ambos sentem a falta da mana. Pietro, o filho do velho Giovanni, voltou a sua casa na Rua Erê.

§ 36. De novo, Carmélia

Recaída sentimental: Belmiro passa a noite sonhando com Carmélia. Sente-se incomodado pelo fato de vir à tona um assunto que julgava superado, pensa que talvez ame de fato a moça, não o mito. "Afinal, são inúteis essas tentativas de análise e de interpretação de nós mesmos. Há, em nós, abismos insondáveis que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, tantas vezes contraditórias, que compõem as formas sucessivas do nosso espírito. Explicar-me-ei dizendo que hoje dormimos arlequim, amanhã acordaremos pierrô."

§ 37. O "perrexil"

A bela manhã de domingo convida o amanuense ao passeio. No ônibus da Floresta, encontra-se com Silviano. Vai almoçar na casa do amigo, que o arrasta para um programa no Country Clube. Armam uma mentira para Joana, chamam o chofer e chegam ao clube, onde já não está Dolores Gigedo, filha de um espanhol rico, a nova musa de Silviano, seu estimulante, seu Perrexil. Só resta aos amigos beber.

§ 38. Parabosco & Ferrabosco Ltda.

Belmiro narra a ridícula tentativa de Silviano para conquistar a jovem Dolores, irmã de um aluno. Relata, também, manias estranhas do amigo, como "urdir histórias inteiras, ao andar pelas ruas, tudo como se fosse realidade". A história atual era a da firma "Parabosco & Ferrabosco Ltda.". Ferrabosco e Parabosco seriam dois italianos arrojados e de iniciativa, possuidores de um Cassino de luxo na Pedreira Prado Lopes. Silviano lhes pedira emprego para duas moças cujo pai se suicidara, deixando-as em dificuldades. Ferrabosco se apaixonara pela mais velha e fugira para a Itália; voltou e recompôs-se, mas a moça ficou por lá, em cabarés de luxo. Agora os irmãos planejam comprar um edifício na Praça Sete, derrubá-lo e construir lá um arranha-céus. A história continuaria.

§ 39. No instituto

Belmiro vai visitar Francisquinha no Instituo de Alienados. Encontra-se com Florêncio no bonde e vão juntos. Acha a irmã bem melhor, o que tranqüiliza Emília.

§ 40. Choques

Em visita à Jandira, encontra Redelvim, que lhe provoca bastante com seu discurso comunista de crítica à acomodação pequeno-burguesa do amanuense. Belmiro odeia as classificações arbitrárias que acabam por afastar os amigos. Tenta, por isso, não discutir com Redelvim, mas o amigo está irritado e insiste em espicaçá-lo. A conversa torna-se difícil e Belmiro decide ir embora. Sua timidez impede que ele diga muitas coisas aos amigos e diga mal outras. Não quer entrar em choque com eles e, por isso, prefere ficar quieto no seu canto.

§ 41. Matinada

Madrugada de 12 de outubro – após acordar muito cedo, resolve passear pelos arredores. Sobe a uma colina para contemplar Belo Horizonte amanhecendo, cidade nova e progressista, tão diferente do trivial mineiro. De volta à casa, encontra Giovanni e Prudêncio Gouveia, com quem toma o café da manhã, conversam sobre fatos do bairro. Em casa, encontra Emília surpresa por vê-lo de pé tão cedo.

§ 42. Um homem sem abismos

Pifão (chopada) com Florêncio, o amigo piadista, bom camarada, "sem abismos". Belmiro pensa que, talvez, esse será o único amigo que lhe sobrará, se a bebida não o levar. Quem sabe, o casamento, para não ficar sozinho... Mas sua única possível esposa, Camila, está em um cemiteriozinho branco em Vila Caraíbas, desde 1925.

§ 43. O velho Borba. O sistema Borba

Comenta os seus suspiros líricos de solidão na noite anterior, ao escrever. Além da dissolução provável dos amigos, Francisquinha vai de mal a pior, Emília está ficando fraca do coração e o papagaio caduca. Sonha com Carmélia, mas, além de impossível, a finura da moça não combina com seu sangue herdado dos Borbas: "Ríspido, rude, viril".

Lembra-se do pai, homem de sólida formação humanista, bom em literaturas e matemáticas, mas cujos modos grosseiros permaneceram intactos, mesmo depois do casamento com a mulher que vinha dos Maias, gente genuinamente fina. Dessa união nasceu Belmiro, "sem a virilidade destes e sem a polidez daqueles". Em Emília, está a aspereza e a autoridade dos antepassados, o "sistema Borba".

§ 44. Redelvim tem, também, um diário

Recebe recado de Jandira e vai vê-la à noite. A amiga pede desculpas por não tê-lo protegido da fúria de Redelvim no último encontro e explica que não interveio porque o rapaz estava irritadíssimo: a polícia apreendera seus melhores livros e um diário de estimação. Belmiro entende tudo: o diário era, de fato, íntimo, e vinha desde a adolescência de Redelvim; tê-lo nas mãos da polícia seria motivo de bastante

irritação para o "revolucionário". O funcionário público promete intervir com a ajuda do Senador Furquim, por meio de Glicério, para recuperar o diário. Jandira conta que arrumou emprego em um escritório comercial, o patrão não oferece perigos.

§ 45. Extraordinárias declarações de Glicério

Belmiro descobre que sugestionou em Glicério um grande interesse por Carmélia. O amigo passara a freqüentar a casa da moça e descobrira nela qualidades excepcionais. O amigo segreda que conversara com ela sobre o amanuense. Carmélia se lembrava do episódio de carnaval: "um homem de *pince-nez*, magro, alto, meio maduro (...). Estava muito triste, olhando o salão como se olhasse para o mar. Ela ficou com pena e quis alegrá-lo". Depois veio a dança, o desfalecimento, o sofá do clube onde Belmiro ficara até amanhecer. O amanuense fica inquieto com a narrativa de Glicério das recordações da moça. Despede-se sem o amigo notar sua quase desorientação.

Sepúlveda, um colega de repartição, tirara 60 contos na loteria.

§ 46. Um Belmiro oceânico

Belmiro perde-se em divagações sobre a frase de Carmélia a Glicério a respeito dele: "Estava muito triste olhando o salão como se olhasse para o mar...", até que se lembra da menção do amigo ao "distinto primo" de Carmélia que andava freqüentando a casa. Visualiza um pretendende, o que é quase confirmado por Glicério no trabalho: o moço, Jorge, viera de São Paulo, rapaz de boa índole e muito viajado, formara-se em medicina e viera montar consultório em Belo Horizonte. Belmiro se irrita.

§ 47. Nenhum desejo neste domingo

"Domingo bom e alegre": os vizinhos, a convivência com Emília, o jornal, o café, uma volta pela cidade; "'Nenhum desejo neste domingo, nenhum problema nesta vida'". [verso de Carlos Drummond de Andrade]

§ 48. Finados

No dia de Finados, Belmiro vai visitar o cemitério do Bonfim, à tarde. Assiste a um enterro e faz comparações entre o coveiro de BH – homem frio, alheio à vida que sepulta – e o coveiro de Vila Caraíbas – um amigo de todos os defuntos. Impressiona-se com o olhar frio que o coveiro lhe dirige durante todo o enterro.

§ 49. Jandira se mostra prudente

Belmiro consegue recuperar o diário de Redelvim graças à intervenção (a contragosto) de Glicério por meio do Senador Furquim. Fica sabendo que o amigo está sendo vigiado pela polícia. Vai à procura de Jandira para levar o diário; a amiga mostra-se preocupada com Redelvim e menos radical em seu discurso político. Belmiro reflete para si que também sofre com a injustiça social, mas seus "escrúpulos de sentimento" repudiam qualquer radicalismo revolucionário.

§ 50. Uma semana que passa

Francisquinha volta para casa; Glicério não comenta sobre Carmélia; Belmiro aproveita a semana para ler.

§ 51. Já andam juntos pela rua

Em passeio com Glicério a uma sorveteria, encontram Carmélia e Jorge de Figueiredo. Belmiro mal consegue disfarçar sua agitação. Evade-se e entra em um bar para tomar alguns chopes e se acalmar. Volta para casa, sai para um cinema e encontra o colega de trabalho Sepúlveda, que lhe conta como aplicou o dinheiro ganho na loteria. Vai dormir mais conformado com o mais que provável casamento entre Carmélia e Jorge.

§ 52. Uma extravagância de Francisquinha

Francisquinha foge do quarto à noite, com medo de assombração, e fica na chuva fina da madrugada até ser descoberta por Emília. A irmã adoece fortemente; Belmiro manda chamar o médico, que recomenda muito cuidado, pois a gripe pode virar pneumonia, à qual Francisquinha provavelmente não resistiria.

§ 53. Fortaleza de Emília

Francisquinha morreu. Emília mostra-se mais forte que o irmão, talvez devido a sua crença em Deus. Até o papagaio parece decadente, triste; Belmiro pensa em sair da casa, mas a mana não quer. Nos dias seguintes ao enterro, voltam com força as recordações de Vila Caraíbas.

§ 54. Castos amores

Missa de sétimo dia com a presença dos amigos. O diário fica abandonado por alguns dias e Belmiro, letárgico, se dedica a imaginações românticas em que Carmélia aparece, ora como a moça de Belo Horizonte, ora como o mito Arabela.

§ 55. Redelvim vai preso

Estoura uma revolução comunista no Rio, depois de agitações em Natal e Recife. A polícia começa a agir e Redelvim é preso. Jandira vai procurar Belmiro para que tentem algo com a ajuda de um delegado amigo dela. Ele os tranqüiliza, mas não promete nada e não admite visitas. Intima o amanuense a voltar à delegacia e coloca um funcionário para segui-lo. Belmiro leva Jandira até sua casa, passa na Secretaria e deixa um recado, pedindo a Glicério que cuide da mana caso ele falte, e vai ao encontro do delegado.

§ 56. Entre lunfas

O delegado detém Belmiro por ele ter intermediado troca de livros entre Redelvim e colegas em ocasiões passadas. Como não houvesse mais celas para prisioneiros comuns, o amanuense é levado para passar a noite com dois larápios; diverte-se toda a noite com a conversa cheia de gírias dos bandidos: “cana”, “lunfa de penosa”, “pinta”, “mancou” etc. O investigador Parreiras, amigo de Belmiro, vem em seu auxílio.

§ 57. Para alguma coisa serviram estas notas

O delegado recebe Belmiro na mesma sala em que o esperam Glicério e Silviano. A busca da polícia na casa do amanuense resultou na apreensão dos seus diários, que provaram sua inocência quanto às questões políticas. Mas Belmiro se angustia e irrita com o delegado, que trata de modo irônico suas anotações e chega a dar palpite quanto aos sentimentos expressos nos cadernos. Fora da delegacia, Silviano chega até a pedir para ver os diários, mas é rechaçado e vai logo embora, marcando um encontro para o dia seguinte. Glicério, que já interviera a favor do amigo por meio do Senador Furquim, entrega-lhe um documento atestando que sua detenção fora apenas para colher depoimentos – o rapaz cuidara de tudo. Em casa, Belmiro encontra o contínuo Carolino, colega de repartição, que dormira lá para tomar conta de Emília. Ficam conversando até altas horas.

§ 58. O amor, pelo amor

Manhã de 3 de dezembro – Belmiro tenta analisar e explicar o impacto da notícia do noivado de Carmélia: recebe-a com uma “tristeza resignada”, pois está bastante consciente do abismo que o separa da moça, além do que reconhece que talvez não fosse mais do que uma encarnação do mito Arabela. Seria uma paixão “puramente cerebral”, que Belmiro não descartou logo porque era, enfim, “uma emoção que enchia minha vida. O amor era pelo amor, em si”. Reconhece o despeito, mas não o amaldiçoa, pois ajuda-o a entender melhor o caso. Que Carmélia seja feliz; ele prefere preocupar-se com Redelvim, que continua preso.

§ 59. Ainda o noivado

Na repartição, em conversa com Glicério, nota que o rapaz também sentiu, de alguma maneira, o golpe do noivado. Solidarizam-se, bem humorados, no despeito.

§ 60. O que Silviano me falou

Encontra-se com Silviano que lhe expõe seu problema: conseguira, finalmente, agarrar uma pequena, uma moça a quem se apresentara como "Aristóteles de Estagira" e enchera de presentes bobos. Agora, quer se livrar da sua aventura de subúrbio. Como pôde um Pensador como ele se envolver tão rasteiramente com uma moça que chama Aristóteles de "gatinho"?! Na verdade, Silviano, depois da aventura, retorna às suas idéias de "atitude católica em face da besta": concentrar-se nas questões do espírito e afastar-se das tentações da carne. Belmiro, sem perder a oportunidade de ironizar o amigo, sugeriu que ele mandasse um telegrama à moça, comunicando que precisara partir imediatamente para a Macedônia. Silviano despede-se, de mau humor pelas brincadeiras do amigo, e de bom humor pela sugestão prontamente acatada.

§ 61. "Roda morena"

Uma roda de moças brincando na rua faz Belmiro se lembrar das raparigas que brincavam na praça de Vila Caraíbas. A memória encarrega-se de transformar em lírico o que, ao ser vivido, era apenas banal.

§ 62. Novos rumos de Jandira

Uma visita a Jandira faz Belmiro pensar no caráter fragmentário das amizades: "(...) os amigos não nos vêem como a um ser indiviso, mas, ao contrário, nos fragmentam. Elegem, em nós, as afeições que lhes aprazem; procuram-nos em um ângulo, às vezes em uma linha, ou mesmo em um ponto apenas".

Encontra a amiga fria, dispersa, rodeada de novas companhias: Anita (uma professora vizinha, que já freqüentava a casa há alguns meses), o professor Barroso (o "Almirante", um senhor divertido com quem Belmiro logo simpatizou) e Azevedo Leão (um doutorando falastrão, que provavelmente estaria investindo em Jandira). Por duas horas, Belmiro sapeia o jogo, depois vai-se embora, sem que a amiga sequer lhe perguntasse pelo Redelvim.

§ 63. Lunfa de penosa

Duas visitas em uma noite: Florêncio, que chega depois de quinze dias viajando em Sete Lagoas, "queixoso e neurastênico" porque os médicos lhe suspenderam o chope; e Parreiras, o investigador que anunciava a liberação de visitas a Redelvim e sua provável próxima libertação. Belmiro aproveita o policial para pedir explicações sobre as gírias que ouvira na cadeia e que lhe despertaram a curiosidade. Combina com Florêncio uma visita, no dia seguinte, à Polícia Central, para ver Redelvim.

§ 64. Um "fogo"

Emília vem perguntar se houvera "fogo", sua maneira interiorana de se referir aos conflitos sociais armados, herança das rixas seculares entre famílias de Vila Caraíbas. Belmiro acaba por se lembrar dos apuros que passara durante a revolução de 1930, quando ficara preso em casa com as duas manas, praticamente no meio do fogo cruzado entre a Polícia e o Exército, até ser auxiliado por Giovanni e Prudêncio Gouveia, que os resgataram e os levaram para a casa da mãe deste último, na Floresta. Quando voltaram, a casa estava cravada de balas.

§ 65. E o casamento é para já

Mesmo evitando, por pirraça, falar no assunto, Belmiro não consegue esconder seus sentimentos e vê-se forçado a falar no próximo casamento de Carmélia, do qual fora informado por Glicério: a viúva estava ovante, a noiva, melosa, o noivo, besta, o casamento seria íntimo e a lua-de-mel, um escândalo para os padrões mineiros, na Europa.

§ 66. Tema para uma elegia

Morre um vizinho de Belmiro – um tenente da Força Pública – atropelado. Durante o seu enterro, o amanuense escuta do professor Barroso sua triste história: há dez anos o rapaz, simples furiel, apaixonara-se pela filha de um importante fazendeiro. O pai afastara o moço da cidade e opusera-se violentamente ao casamento, mas o jovem lutara bravamente, arriscara inúmeras vezes a vida em ações perigosas, para subir de posto e dobrar o velho. Obtivera sucesso como soldado, mas inutilmente: o fazendeiro não se dobrara e o reencontro com a amada só pudera se dar após a morte do pai. Quando isso acontece, o corajoso e apaixonado soldado não reconhece a namorada: de frente para a família da jovem, dirige-se para uma moça linda e sorridente, mas sua companheira de sofrimento era, na verdade, outra, ressequida, gasta e melancólica. O pobre apaixonado senta-se, debruça-se sobre a mesa e começa a chorar copiosamente. "Tal como aconteceu a mim – quando procurei Camila e não vi senão uma sombra – o espectro daquilo que fora os seus amores se sobrepusera, de modo insólito e cruel, à imagem longamente sonhada e que era uma imagem do passado. E chorou amargamente."

§ 66. Nova luz sobre Silviano

Como não pudera visitar Redelvim conforme o combinado com Florêncio, Belmiro e o amigo vão, no dia seguinte, até a delegacia. Encontram Silviano logo à entrada e este lhes comunica que Redelvim já fora solto. Florêncio despede-se dos amigos e Silviano leva o amanuense até sua casa para lhe entregar algumas anotações que estava juntando para publicação.

As notas tratavam do "problema fáustico – a vida estrangulada pelo conhecimento": as inquietações do homem maduro perdido entre "a transcendência e a imanência", a impossibilidade de atingir a verdade absoluta, as limitações do conhecimento humano, a "necessidade da ascese"; tudo escrito em um "estilo silviânico, que pode tanger o ridículo, mas bordeja grandes abismos e procura culminâncias".

§ 68. Um procurador de amigos

Manhã de 21 de dezembro – Visita a Jandira, tentando saber notícias de Redelvim, que também não a procurou. Belmiro reconhece que "as dissensões de pensamento [entre os amigos], agravadas pela atmosfera pesada deste fim de ano", apressam a dissolução do seu grupo. Começa a acreditar que o grupo só existiu de fato no seu desejo, o que lhe entristece: "De bom grado, eu sacrificaria minha idéia mais nobre para não perder um amigo. Neste mundo, sou apenas um procurador de amigos".

§ 69. Entrevista com Redelvim

Noite de 21 de dezembro – Redelvim procura Belmiro; está um pouco mudado pelo "retiro espiritual" que a prisão lhe proporcionou. O aborto da rebelião que o amigo cultivava há tanto tempo, a desconfiança e a incerteza quanto a sua capacidade de agir a favor de uma revolução que se transforme em ditadura, a falta de uma equipe para dirigir o país pós-revolução fizeram com que ele achasse melhor se afastar da ação revolucionária, apesar de "continuar contra o Estado burguês". Redelvim decidira, enfim, ir passar uns tempos com a mãe, D. Maria Júlia, com quem estava brigado desde que ela contraíra segundas núpcias. Ela está enferma e reclama sua presença.

§ 70. O homem do funil

Florêncio carrega Belmiro para um chope, uma vez que foi liberado pelo médico e está eufórico. O amigo conta-lhe a divertida história de um tabelião do sul de Minas que, atacado por um tumor, se viu obrigado, nos últimos meses de vida, a se alimentar por uma sonda servida por um funil, por onde despejava a bebida, vício que não largou, mesmo estando nas últimas.

§ 71. Onde aparece o "Doutor Angélico"

Desanimado com seu diário, o amanuense entrega-se à leitura. Até que lhe bate à porta, excitado, Silviano, que o arrasta para uma discussão filosófica com o "Doutor Angélico", na verdade, Jerônimo, um

filósofo. Enquanto os dois amigos discutem acirradamente sobre até que ponto o filósofo Pascal morrera cético ou se convertera ao final da vida, Belmiro acaba se afastando, incapaz de compreender as funduras do debate. Senta-se para folhear um livro, até que os amigos fizessem trégua. Antes de irem embora, discutem o caso de Belmiro, que Silviano define como alguém que "vive em dúvida", incapaz de afirmar ou negar qualquer coisa. Belmiro, para dar o ar da graça, se define com um pensamento de Pascal: era um "infeliz razoável", daqueles que lutam para procurar Deus, mas não o encontraram ainda. Como é tarde, despedem-se e vão para suas casas.

§ 72. Perplexidade de Glicério

Belmiro vai prestigiar a formatura de Glicério e sente pena do amigo, indeciso e desanimado quanto ao que vai fazer de sua vida: continua na Seção de Fomento Animal? Assume o diploma de advogado, mesmo sem ser atraído pela profissão? Insiste no "vício da literatura", que tanto o atrai, mas para o qual se julga incapacitado? O amanuense tenta consolar o colega, dizendo que aquele estado era provisório. Até que se lembra dele mesmo: "Fali na vida por não ter encontrado rumos. Este Diário, ou coisa que o valha, não é sintoma disso? (Ocorrem-me umas palavras bem significativas de Gregorio Marañón: *'En el hombre adulto la práctica del Diario equivale a una supresión progresiva de la personalidad activa, social, de su autor. En realidad un Diario equivale a un lento suicidio.'*).

§ 73. Mais um natal

O *Merry Christmas* de Prudêncio, o *Chianti* e as castanhas de Giovanni, Emília voltando da missa com o vestido novo cheirando a naftalina, um cafezinho com os amigos da rua.

§ 74. Será no dia quinze

O casamento de Carmélia é marcado para o dia 15 de janeiro. A partida para a Europa será no dia 18, no vapor Oceânia, que sai do Rio de Janeiro. Belmiro começa a imaginar uma possível ida à capital para assistir ao embarque.

§ 75. Novas aquisições

Carolino, o contínuo inseguro e aluado da Secretaria, começa a freqüentar a casa da Rua Erê: torna-se amigo e companhia para Emília, assume a contabilidade complicada de Belmiro, inclusive lhe fazendo empréstimos, afeiçoa-se ao papagaio e conquista os vizinhos. Na verdade, Carolino só procurava pessoas com quem pudesse conversar. O amanuense celebra a aquisição do novo amigo, inteligente e dedicado. É alguém a quem pode confiar Emília, caso resolva ir ao Rio de Janeiro.

§ 76. Ora bolas

O diário de Belmiro é para ele uma salvação, um ópio, para o qual transfere seus problemas. Quando escreve, torna-se o avesso do homem fraco do dia, transforma-se em um homem poderoso, que olha para dentro e pode dizer a tudo: "Ora bolas".

§ 77. Eis-me no rio

Para não mortificar seus desejos, Belmiro vai para o Rio, inclusive com a ajuda do Chefe da Seção, que lhe arranjou um relatório burocrático para fazer na capital. Já não é amor por Carmélia, apenas "difusa melancolia". Sente-se feliz por rever o Rio e o Atlântico, que está "enfurecido e sombrio"; perde-se na contemplação do Rio velho, machadiano, até se encontrar no Mangue. Contempla com um amigo antigo as damas de alta-roda e as mundanas de luxo que o deslumbram a ele, pobre provinciano.

§ 78. O providencial irmão luso

O amanuense é salvo de um atropelamento por um imigrante português. Entre os curiosos que vêm lhe ver, está o doutorando Azevedo Leão. Em conversa com ele, descobre que o rapaz queria mesmo

desfrutar Jandira, mas que fora rechaçado por ela. A solidão castiga Belmiro, que só sabe sentir cansaço e saudades de Minas.

§ 79. Partida

Assiste à vulgar partida do navio de Carmélia e Jorge. Irrita-se, depois sente-se vazio e é arrastado para a contemplação do mar.

§ 80. Vozes atlânticas

"Recuei instintivamente. (...) Por que o mar nos transporta às reflexões sobre o amor e a morte? (...) Por que também nos convida a romper nossas limitações?" Procura captar a mensagem do mar e sente surgir dentro de si um "Belmiro poderoso e elementar. Um Belmiro dominador, atlântico (...). Por que me perturba assim o mar?"

§ 81. A verdade está na Rua Erê

"Como esta Rua Erê me enternece! (...) As coisas, louvado Deus, não se mexeram de seu lugar. Tudo está como deixei e como sempre esteve". Pensa no quão difícil e tumultuado foi o ano de 1935. "Vivi um ano com intensidade superior à da soma de muitos anos de vida. Retorno, agora, à paz desta casa imutável, (...). Paz física da Rua Erê, por que não te transformas em paz de espírito?"

§ 82. Seção do Fomento Animal

O chefe da Seção aceita o relatório de Belmiro sem discutir; é ele quem garante a "modorral pacatez" do repartição. Glicério, cético, pede para ver o relatório, mas não consegue. O amigo narra o casamento e traz uma novidade: abandonará a Seção de Fomento para assumir uma comissão no gabinete do Advogado Geral do Estado. Belmiro fica arrasado: não terá mais ninguém com quem conversar no trabalho. Além disso, vê os seus amigos se deslocarem de alguma maneira, "apenas eu resto e envelheço nesta vida modorrenta".

§ 83. A vida se encolhe

Aproveita o domingo para rever os cadernos do Diário, que trouxera alguma cor para sua vida no ano anterior. Mas "já não encontro, no ato de escrever, a satisfação de outros tempos. Pouco há, também, que escrever. (...) E os amigos se desviaram de mim. (...) Às vezes não encontro lugar que me sirva, e ando, ando sempre, como Judeu Errante. (...) Creio que já escrevi tudo o que havia em mim para escrever."

§ 84. Um "vira-lata"

Voltando para casa, Belmiro encontra um cachorro exausto, com uma lata enfiada no focinho. Tenta ajudá-lo, mas ele foge, desorientado. "Não é recomendável estar fuçando as coisas e quem as fuça deve agüentar as conseqüências, com a resignação de quem espalhou ventos e acabou colhendo tempestades. (...) Simpatizei com o cão e lamento que os animais não estejam a cobro do ridículo. Fez-me pena, mas também me fez rir. E cá o ponho nesta página. Qualquer coisa me liga a esse cachorro magro e abandonado que encontrei na Rua dos Pampas."

§ 85. Um pouco menos pessimista

Belmiro não agüenta a solidão e vai procurar os amigos. Silviano não está, anda ocupado com um livro que está escrevendo, cada vez mais envolvido nos debates com Jerônimo. Vai, então, até a casa de Jandira. À entrada, encontra Barroso, o Almirante, que anuncia seu noivado com D. Anita; estão se retirando. A amiga confidencia-lhe que anda sozinha, flertando aqui e ali, depois que a roda de amigos se desfez; e faz-lhe uma confidência: Redelvim também a assediou, propondo-lhe casamento. O amanuense volta menos pessimista da casa de Jandira. Acha-a ainda interessante. Se não fosse impossível, proporia casamento a ela.

§ 86. Silviano e seu plano decenal

Recebe uma visita de Silviano, que lhe apresenta um projeto de *Memorabilia*, para ser escrito em dez anos. É uma extensa obra, com os títulos em latim colhidos de autores clássicos, tratando da evolução (banal...) da vida do Filósofo e de suas reflexões existenciais.

§ 87. Mocidade

Manhã de 28 de fevereiro – Passeio pelo parque em companhia de Carolino. Moças e rapazes invadem o jardim com suas brincadeiras e esfuziante alegria, que deixam Belmiro lírico.

§ 88. Um dia como os outros

A vida torna-se ainda mais monótona com a saída do Glicério da Seção de Fomento. Belmiro não tem com quem conversar, e Jerônimo o assedia para que se converta. Carmélia é apenas um retrato na memória, agora que está casada. O único consolo é o chope com Florêncio, depois do trabalho.

§ 89. Nhô Borba

Emília sonha com o velho Borba. A irmã, com sua fala errada (que tanto angustiava o pai...) herdada do convívio com os ex-escravos da fazenda, está cada vez mais atacada pela gota ciática, cada vez mais calada, mas o seu vulto domina cada vez mais a casa da Rua Erê. Na sua ignorância do mundo, vivendo das memórias da fazenda, talvez seja mais feliz que o irmão, pensa Belmiro.

§ 90. Lagoa Santa

Muitos dias sem escrever, a vida vai se tornando cada vez mais vazia. O carnaval, Belmiro passa em Lagoa Santa, na companhia de Florêncio e família. Carolino, que se integrou definitivamente à Rua Erê, ficou tomando conta de Emília.

§ 91. Estão de volta

Encontro com Glicério, que comunica seu afastamento da literatura para se dedicar ao direito. O amigo anuncia a volta para breve de Carmélia, o que provoca divagações em Belmiro.

§ 92. Agradeço-vos os salpicos

Belmiro leva um susto com um carro que freia abruptamente diante dele, salpicando-o com a água empoçada da chuva. Na direção, Carmélia e Jorge, alegres com o incidente, sequer notam a sua presença.

§ 93. Mundo, mundo

Sonho: Dentro de um trem, três passageiros se dirigem a ele. O primeiro, o poeta irônico, diz: "Mundo mundo vasto mundo / se eu me chamasse Raimundo / seria uma rima, não seria uma solução". O segundo, o poeta místico: – "Senhor, são os remos ou são as ondas o / que dirige o meu barco? / – Eu tenho as mãos cansadas / e o barco voa dentro da noite". O terceiro, o poeta sem nome: "Pirolito que bate, bate, / Pirolito que já bateu, / Quem gosta de mim é ela / Quem gosta dela sou eu...". Depois, ficam todos dando voltas ao redor de Belmiro, cantando juntos os versos: "Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é meu coração".

§ 94. Última página

Carolino traz da Seção uma porção de blocos, mas o amanuense Belmiro não precisa mais "de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta": a vida parou e nada há mais por escrever. Negação de todos os Borbas – Belarmino, Porfírio, Firmino e Baldomero –, restam a Belmiro 32 anos a ser empurrados, já que os Borbas, em média, vão até os 70. Mas com certeza a morte de Belmiro será diferente da dos antigos Borbas, que "viviam a vida. Quando um tombava, parecia queda de gameleira ferida pelo raio. Não morriam aos poucos, vendo o corpo consumir-se lentamente."

Foco narrativo

O amanuense Belmiro tem um narrador em primeira pessoa, o personagem do título. Ele nos conta a sua história em um diário, que resolve escrever para tentar fugir da rotina, recordar o passado e, quem sabe, aplacar um "mal-estar" que se apossou da sua vida dominada pela mediocridade. Podemos considerar Belmiro um narrador sincero de suas histórias do presente e do passado, uma vez que ele assume o "fracasso" de sua existência; sua intenção não é justificar-se, mas entender-se. Apesar de todos os motivos que o leitor teria para antipatizar com o narrador, ele acaba por nos cativar, seja porque nos compadecemos de sua infelicidade sem drama, quase banal, seja pelo bom humor com que nos expõe seu destino de inadaptado à vida, de fracassado consciente que acaba por se conformar com seu destino.

Personagens

1- Belmiro Borba

Sabemos bastante do passado do narrador graças às suas reminiscências ao longo da narrativa: descendente de uma família de tradição rural, Belmiro desde jovem mostrou-se um incapacitado para os cuidados que as propriedades da família exigiam. Deixa Vila Caraíbas (espaço perdido no tempo, que guardará para sempre na memória e que revive constantemente na sua infecunda maturidade) e parte para Belo Horizonte, a fim de estudar agronomia, o que não cumpre. Na capital, desenvolve "imaginárias inquietações", sofre "amores infelizes" e envolve-se com literatos. Mais tarde, para desgosto do seu pai, o velho Belarmino Borba, consegue um cargo de burocrata. Com a morte dos pais, vende a propriedade da família e traz para Belo Horizonte as duas irmãs, Emília e Francisquinha. Aos 38 anos (como ficamos sabendo a certa altura de seu diário – "§ 21. Uma data importante"), leva uma existência infeliz, apegado à rotina da repartição pública, cuidando das irmãs, exilado nas lembranças do passado, incapaz de reagir ao presente e dar um rumo qualquer que leve a algo de positivo na sua vida. Nas palavras de Antonio Candido: "Belmiro é o homem que chegou ao estado de paralisia por excesso de análise."

De fato, Belmiro tem plena consciência da mediocridade de sua trajetória, mas é incapaz de reagir ao fracasso (do que também tem consciência...). Sofre por assistir à passagem do tempo sem esboçar qualquer ação afirmativa que o tire do estado de letargia e divagação em que vive. Um bom exemplo é a maneira como age diante de um fato que parece vir tirá-lo do torpor existencial em que vive: a paixão por Carmélia – Belmiro é incapaz de tomar qualquer atitude de aproximação, prefere tratar o assunto apenas interiormente, apesar de sofrer na vida real. Daí sua existência reduzir-se à quase indiferença, à completa mornidão. O "excesso de análise" faz com que ele resuma sua vida ao que se passa em seu interior, mas essa obsessão pela "auto-análise" é na verdade fuga de uma realidade que é incapaz de enfrentar e vencer, então se refugia em elucubrações, ora oníricas, ora reflexivas. Só o que interessa a Belmiro é, aparentemente, o passado, como ele mesmo assume:

Nesta noite de quarta-feira de cinzas, chuvosa e reflexiva, bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre mão de suas conquistas, e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser.

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente – parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo. ("§ 7. A donzela Arabela")

O consolo de Belmiro é a nostalgia do passado em Vila Caraíbas, região preservada no espaço de sua memória. O velho Borba, a namorada da adolescência, os mitos da infância povoam suas lembranças que lutam para vencer os apelos e o desconforto da vida real. Ao iniciar o seu diário, tem como intenção primeira buscar o passado: o amanuense parece querer encontrar uma felicidade que ele perdeu não sabe onde, ou uma encruzilhada qualquer do caminho em que tomou o rumo errado e se perdeu:

Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio. ("§ 4. Questão de obstetrícia")

Mais adiante, veremos até que ponto Belmiro alcançou o seu intento.

2- A família e o passado de Vila Caraíbas

A longo do diário, Belmiro rememora seu pai, o velho **Belarmino Borba**, defensor ardoroso da vida e do trabalho no campo. Apesar das rixas antigas com o pai, o amanuense lembra-se dele com saudade. Em certo momento, acusa-o de ter iniciado o "desvio da linhagem rural", pois era mais ligado à leitura dos clássicos do que aos currais e roças. A mãe, a velha Maia, é pouco citada na história.

As irmãs vieram com Belmiro para a cidade grande: **Emília**, a irmã mais velha, é a "presença vigorosa e viril" da casa, a lembrar-lhe a atmosfera moral da casa de fazenda em Vila Caraíbas, mantém uma certa distância do irmão, a quem considera um degenerado que vive longe das leis de Deus (por isso o chama de "excomungado"), mas no fundo está sentimentalmente ligada a ele por aqueles laços de sangue tão considerados nas tradicionais famílias mineiras. **Francisquinha** é "perturbada de nascença", passa por crises periódicas até que vem a falecer depois de uma pneumonia contraída em uma noite que passou ao relento chuvoso e frio. Ambas conversam na linguagem do povo de Vila Caraíbas. Um dos desgostos do pai foi não poder mandá-las estudar em Diamantina: as meninas cresceram em contato com os ex-escravos da fazenda, falando "errado" como eles.

Do passado, a memória recupera também a figura de **Camila** – namoradinha adolescente de Belmiro, já morta – e da **donzela Arabela** – personagem mitológica de uma cantiga dos tempos de criança, era uma donzela pálida, que vivia cantando seu amor perdido na torre solitária de um castelo, até morrer. Essa figura romântica, Belmiro acaba associando à Carmélia, por tê-la visto pela primeira vez cantando em sua casa uma antiga canção que Camila entoava em Vila Caraíbas.

3- Os bons amigos

São os seguintes os componentes da roda de amigos que Belmiro tanto aprecia:

Glicério

É o mais jovem e o último a se agregar à roda. Por isso e por vir de família bem-de-vida, é um pouco desprezado pelos colegas. A opinião inicial que Belmiro faz do rapaz (que trabalha com ele na Secretaria) é que ele usa sua convivência entre os amigos para fazer figura em outras rodas sociais, onde faz propaganda do fato de ser aceito no convívio de "literatos" que vivem em um círculo "para poucos". No entanto, por causa do episódio envolvendo Carmélia e por trabalharem juntos, Belmiro e Glicério acabam se aproximando e desenvolvendo uma amizade sincera e solidária, inclusive no interesse, que Glicério também passa a ter, pela idealizada Carmélia. Vale notar que ele é o único a participar dos três espaços onde se desenvolve o cotidiano de Belmiro: a repartição pública (onde são colegas de trabalho), a rua (onde fazem parte da mesma roda) e a casa da Rua Erê (onde Glicério é o único amigo de Belmiro a ser bem aceito e tratado por Emília). É importante notar também que ele parece ser o único personagem que sofre algum tipo de evolução significativa ao longo da história: depois de formado, abandona a Seção de Fomento em busca de progresso profissional, o que exige dele também abandonar a "literatura" (por conseguinte a roda de amigos) para se dedicar ao trabalho. Ou seja, deixa de fazer parte do mundo acanhado de Belmiro e seus amigos, que levam suas vidas sem nenhuma alteração e, aliás, acabam por se afastar bastante uns dos outros ao final.

Silviano

Professor de filosofia, Silviano transita do seu desejo carnal incontrolável por meninas em flor ao ideal de uma vida dedicada à ascese espiritual e intelectual, ao conhecimento. Ou seja, sonha em "domar a besta" que existe dentro de si. Julga-se em um patamar acima da maioria da humanidade pelos seus conhecimentos e sua sensibilidade, faz-se de indivíduo fora do comum ao trocar os nomes dos amigos ou ao fantasiar histórias para si mesmo, mas, no fundo, sua existência não ultrapassa a mediocridade da vida dos outros da roda. Isso fica claro, principalmente, no "§ 86. Silviano e seu plano decenal", em que apresenta a Belmiro um projeto de autobiografia para escrever em dez anos. Seu projeto não passa de uma empolação da sua existência vulgar. Ao contrário de Belmiro, que tem consciência de sua mediocridade e se volta para dentro,

conformado com o destino, Silviano disfarça o fracasso e a superficialidade de sua vida, apelando para a mistificação. É ele quem apresenta a Belmiro o filósofo religioso **Jerônimo** (a quem chama de "Doutor Angélico"), que tenta ganhar o amanuense para a religião.

Jandira

A única mulher da turma, vive sozinha com uma tia. Todos os amigos já a assediaram, exceto Belmiro, que não o fez mais por timidez do que por falta de vontade, já que a amiga é bastante desejável. Jandira, sozinha em uma sociedade preconceituosa, tem de suportar não apenas o assédio dos amigos, mas de patrões e conhecidos que a vêem como mulher simplesmente "desfrutável". Ampara-se em Belmiro, que levanta o moral da amiga quando ela está desanimada ou insegura quanto a sua situação. Belmiro a vê como uma mulher dúbia: posa de liberal, mas resiste a qualquer investida dos homens que a rodeiam. Além disso, ela no fundo deseja um homem com quem possa estabelecer uma relação estável, o que significa casamento.

Redelvim

Amigo de Belmiro desde os tempos de república de estudantes, é o "revolucionário" da turma. Envolve-se com a política do Partido Comunista e torna-se um crítico cada vez mais contundente e rancoroso da postura alienada, direitista ou pequeno-burguesa dos amigos, principalmente Belmiro, a quem julga um covarde, por não se posicionar politicamente. Depois da experiência na prisão, afasta-se do Partido e tenta seduzir Jandira. Sem sucesso, vai passar uma temporada com a mãe, de quem estava separado há tempos.

Florêncio

O "homem sem abismos", é o mais simplório dos amigos do amanuense. Sua grande diversão é desviar da marcação cerrada da mulher e dedicar-se a um pifão (chopada) com os amigos. É bom papo e gozador. Belmiro vê nele, talvez, o único amigo da turma que sempre estará presente.

O contato com os amigos talvez seja a parte mais gratificante da vida de Belmiro. Ele mesmo reconhece que sua intenção de tratar do passado no diário é sufocada pelos acontecimentos do presente. Ora, esses acontecimentos são, principalmente, aqueles que envolvem a roda: dos problemas pessoais de Jandira, passando pelas obsessões ora filosóficas, ora carnais de Silviano, até as enrascadas políticas e/ou policiais em que se mete Redelvim, Belmiro está sempre presente, preocupado com os amigos. É por isso que lhe dói constatar, logo no início do seu diário, que:

Desde muito, as discussões vem azedando nossa pequena roda e vejo que ela não tardará a dissolver-se, pois há forças de repulsão, mais que afinidades, entre estes inquietos companheiros. ("§ 12. Conversação com jandira").

Para sua infelicidade, suas previsões confirmar-se-ão ao final da narrativa:

Noto que fui eu, com meu desejo de sociedade, quem criou e sempre procurou sustentar essa agitada assembléia onde atuam forças tão antagônicas.

Finalmente, as dissensões de pensamento, agravadas pela atmosfera pesada deste fim de ano, lhe apressam a dissolução. Redelvim, anarquista; Jandira, socialista; Silviano, o homem da hierarquia intelectual e da torre de marfim; Glicério, com tendências aristocráticas; Florêncio, tranqüilo pequeno burguês, de alma simples, que não opina. Será certamente impossível uni-los de novo. Por que hão de os homens separar-se pelas idéias? De bom grado, eu sacrificaria minha idéia mais nobre para não perder um amigo. *Neste mundo, sou apenas um procurador de amigos*. ("§ 68. Um procurador de amigos" – grifo nosso, para reforçar o que dissemos anteriormente).

4- Os vizinhos da Rua Erê

Belmiro mantém uma relação cordial e agradável com seus vizinhos, em particular com o imigrante italiano **Giovanni** (ajudado pelo amanuense quando o seu filho, Pietro, foge de casa depois de levar uma

surra) e com **Prudêncio** (que se caracteriza por gastar seu precário inglês, aprendido em um curso no passado, com todos os seus conhecidos).

5- Os colegas da Seção de Fomento

Os colegas de trabalho de Belmiro na Secretaria são todos, com exceção de Glicério, tão ou mais frustrados que ele pelo seu destino de funcionários públicos. Vivem se queixando de uma oportunidade qualquer perdida no passado. É o caso de **Romualdo** e **Sepúlveda**, este último ajudado pelo destino, uma vez que ganha uma quantia na loteria que lhe vem trazer mais estabilidade. A exceção é **Filgueiras**, homem talhado para o ofício de amanuense, feliz com a disciplina e o salário de servidor do Estado. A vida de Belmiro na Seção é preenchida pela presença (cada vez mais próxima ao longo da narrativa) do Glicério. Quando ele vai embora, um imenso vazio abre-se na sua rotina de (pouco ou nenhum) trabalho, já normalmente entediante. Ao final do livro, o narrador descobre a figura de **Carolino**, o contínuo, humilde e prestativo, que, após tomar conta de Emília na noite em que Belmiro é preso, vai se aproximando da casa da Rua Erê, ganha a confiança da irmã e dos vizinhos, e acaba se tornando uma companhia constante nas horas de lazer. É um pobre e bom homem à procura de atenção e amigos.

6- O amor temporão

Carmélia é o nome da moça que ocupa o maior tempo das divagações do amanuense Belmiro. Ele mesmo não consegue decidir se o seu interesse por ela é uma invenção de sua fantasia ou um amor verdadeiro, porém temporão e impossível. Ela aparece pela primeira vez no passado, quando da chegada de Belmiro a Belo Horizonte: ele a vira e ouvira cantar em uma casa onde batera por engano, à procura de um conhecido da sua terra natal. Depois, reencontra a moça durante os festejos de um carnaval, para os quais fora arrastado pela multidão. Dançando em uma roda com ela, associa o seu vulto à "Donzela Arabela", o mito de sua infância. A partir daí, Belmiro não consegue decidir se o seu sentimento pela moça é real ou fruto de sua obsessão sentimental pelo passado. Interessante notar que Carmélia, ao encarnar o mito Arabela e lembrar Camila, representa o elo entre a realidade do presente e as lembranças do passado, que tanto atraem Belmiro. Apesar de o amanuense se mostrar incapaz de qualquer aproximação, não deixa de trabalhar o tempo todo por isso, a partir do momento em que descobre que Glicério a conhece. Da submissão ao mundo do amigo até à viagem inútil ao Rio de Janeiro para ver a moça embarcar, já casada, para Portugal, Belmiro persegue a mulher/o mito, até que ambos se desvanecem. O abandono definitivo das ilusões acontece quando o amanuense quase é atropelado pelo carro em que está a donzela idealizada, dirigido pelo seu ex-noivo (que aparecera no meio da narrativa) e agora marido, o primo médico, bem-sucedido na vida, vindo de São Paulo, Dr. **Jorge de Figueiredo**.

Tempo e espaço

É possível delimitar de maneira razoavelmente precisa o intervalo de tempo da vida de Belmiro narrado em seu diário, com base em referências indiretas (Natal e Carnaval, por exemplo) ou diretas (citação de datas) que aparecem na história. Assim, podemos dizer que a narrativa se estende do Natal de 1934 até alguns dias após o carnaval de 1936. A referência ao Carnaval está no "§ 90. Lagoa Santa". Alguns dias depois, o amanuense encerra o seu diário.

Entretanto, mais importante que a demarcação do intervalo de tempo cronológico é a análise do tempo psicológico na narrativa. Desde o início do diário, Belmiro assume que sua intenção é falar do passado [1]. Exila-se na memória para tentar compensar a frustração com sua vida do presente ou, quem sabe, entender como chegou a esse ponto morno de sua existência. O próprio amanuense explica sua maneira peculiar de viver entre o passado e o presente:

Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho (já viram como uma galinha desalojada cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço?), pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, que estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço. ("§ 5. Ano-Bom")

Belmiro ilustra esse comentário com um episódio: andando pelas ruas do centro de Belo Horizonte, cruza por acaso com um cego sanfoneiro. Ao ouvir as valsas que ele tocava, sua alma é transportada para a Ladeira da Conceição em Vila Caraíbas, onde um outro sanfoneiro estacionava aos domingos, depois da missa da manhã, no caminho de Camila e suas amigas para casa. Sua imaginação só deixa de trabalhar de fato quando Florêncio vai até a sua casa buscá-lo para a ceia de Ano-Bom.

O amanuense tem consciência da passagem do tempo e chega a sentir o seu peso. Afinal, é sua idade, entre outras coisas, o principal empecilho a qualquer sonho de relacionamento com Carmélia, mas Belmiro é incapaz de reagir a esse escoar do tempo e tomar qualquer atitude que dê um rumo positivo a sua vida. Por isso, sua vida parece "mera ficção", oscilando entre o presente e o passado. Essa energia demandada pelo passado aparece de maneira magistral e simbólica no "§ 4. Questão de obstetrícia", quando ele nos conta como ocorreu o início da escritura do diário e os motivos que o justificam.

Quando Belmiro, na noite de Natal, deita-se para dormir, logo está "palmilhando a terra vaga do sono", mas um cão começa a latir nos fundos de sua casa. Sem conseguir pegar no sono, furioso, ele atira um sapato velho, às cegas, na rua. Gesto inútil (pois apenas estimulou os latidos do cão, que estava nos fundos de sua casa...), mas que lhe trouxe à lembrança gestos intempestivos semelhantes aos do seu avô. Enfim, a fúria que explodia em um repente sem objetivo e, depois, se tornava prostração era uma herança familiar. Insone, sem ter o que fazer, resolve apelar para um projeto antigo, o de escrever um diário, que começa então naquela noite.

Sugerimos interpretar essa passagem da seguinte maneira: o cão ladrando na noite representa o passado, que incomoda Belmiro com tal força até ele não ter como fugir do diário, em que pretende "reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos".

É certo que ele não consegue realizar satisfatoriamente o seu intuito, por dois motivos: 1°) o presente (Carmélia) acaba por encarnar, na sua imaginação, o passado (Arabela-Camila), o que só intensifica as "mudanças de plano" (presente X passado) que comentamos antes; 2°) o cotidiano, mesmo que banal, ainda tem força para desviar sua atenção para a realidade do presente. Exemplos disso são o auxílio que o Sr. Giovanni lhe pede para reencontrar o filho, os dramas femininos de Jandira, o envolvimento político de Redelvim que traz perigos ao amigo etc. O narrador reflete de maneira interessante sobre isso, no "§ 8. O

1 O passado a que Belmiro se refere é aquele de sua existência em Vila Caraíbas. Vamos tentar dar algumas coordenadas sobre esse tempo perdido na memória do amanuense: no "§ 33. Ritornelo", o narrador fala de uma viagem a Vila Caraíbas, quando tentou em vão reencontrar as paisagens de antigamente. Tal viagem se deu em 1924 ("Camila ainda vivia", afirma ele); cita datas aleatórias de quando teria vivido o seu idílio com a natureza rural ou com a antiga namoradinha: 1907, 1910... Considerando-se que Belmiro fez 38 anos em 28 de agosto de 1935, ele se refere ao longo do diário, principalmente, a um tempo situado entre o final de sua infância e o início de sua adolescência.

luar de Caraíbas tudo explica...", ao tentar se explicar o porquê de não se ater às memórias em seu diário e o episódio do Carnaval em que foi arrastado pela multidão:

Tudo se torna claro aos meus olhos: depois de uma infância romântica e de uma adolescência melancólica, o homem supõe que encontrou sua expressão definitiva e que sua própria substância já lhe basta para as combustões interiores; crê encerrado o seu ciclo e volta para dentro de si mesmo, à procura de fugitivas imagens do passado, nas quais o espírito se há de comprazer. Mas as forças vitais, que impelem o homem para a frente, ainda estão ativas nele e realizam um sorrateiro trabalho, fazendo-o voltar para a vida, sedento e agitado, Para iludir-lhe o espírito vaidoso, oferecem-lhe o presente sob aspectos enganosos, encarnando formas pretéritas. Trazem-lhe uma nova imagem de Arabela, humanizando o "mito da donzela" na rapariga da noite de carnaval. Foi hábil o embuste, e o espírito se deixa apanhar na armadilha...

Outras considerações importantes devem ser feitas quanto às imbricações entre tempo e espaço na narrativa. É o próprio Belmiro quem o diz, no trecho que aqui reproduzimos: "(...) **minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde *no tempo* e *no espaço***.*" Na narrativa, podemos associar espaço a tempo, como veremos agora.*

O espaço do passado é Vila Caraíbas e a fazenda. Espaço da memória, recuperado a todo instante no presente, e que Belmiro tentou reencontrar em uma última viagem (veja nota 1) sem sucesso, como mostram estes trechos do "§ 33. Ritornelo": "Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir e se arremessou para trás, inapelavelmente"; "O que a meus olhos surgiu foi a sombra de um tempo que morreu"; "As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo"; "Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós".

*O espaço do presente é Belo Horizonte, particularmente os lugares que ele apresenta nesse trecho: "***Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da *Secretaria* para o *café* e do café para a *Rua Erê*. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo***." (§ 6. Carnaval"). Esquematizando (e sendo um pouco simplistas): a secretaria é o espaço do trabalho, o café seria o espaço do lazer e do encontro com os amigos e a Rua Erê, o espaço do que lhe restou da família (as irmãs) e do descanso.*

Estilo: linguagem

Quanto ao estilo usado por Cyro dos Anjos em *O amanuense Belmiro*, vale lembrar uma série de procedimentos que o aproximam de Machado de Assis:

• **A utilização de capítulos curtos** – Em Machado de Assis, o uso de capítulos curtos serve à digressão, ao vaivém constante do narrador, que passeia por comentários sobre o que é narrado, tiradas humorísticas, curtas histórias paralelas, *flash-backs*. Tal artifício acaba por conduzir o leitor a uma certa leitura do livro sem que ele o perceba. Em Cyro dos Anjos, os capítulos curtos servem também às digressões de Belmiro entre o passado e o presente, seus devaneios interiores e a realidade, o registro dos fatos e seu comentário.

• **A interlocução com um leitor hipotético** – Apesar de não aparecer com tanta freqüência quanto em Machado, no diário do amanuense há, sim, a figura de um possível futuro leitor para as anotações de Belmiro, em passagens como as que vêm a seguir (grifos nossos, para destacar a interlocução):

1. **Podem rir-se de mim, mas os namorados me compreenderão: amei, como se se tratasse de um ser real, aquilo que não passava de uma criação do espírito. A vida não se conforma com o vazio, e a imagem da moça encheu-me os dias.** ("§ 8. O luar de Caraíbas tudo explica...")
2. **Se digo tolices, ou apenas repito idéias velhas, que me perdoem: adquiri, neste escritório da Rua Erê, o hábito de filosofar e fico horas e horas a pensar em certos fenômenos. E já lhes contarei por que meu pensamento tomou hoje tais rumos.** ("§ 10. Uma casa, numa rua")

• **O uso da metalinguagem, em especial da intertextualidade** – Chamamos de **metalinguagem** a qualquer uso da linguagem em que ela se volta sobre si mesma, ou seja, em que a linguagem é usada para explicar qualquer fenômeno produzido pela própria linguagem. Dois bons exemplos são:

1. As várias vezes em que Belmiro interrompe sua narrativa para comentar o próprio livro que está escrevendo (escrever no diário sobre o próprio diário): **Há três ou quatro semanas não tenho tocado nestas notas senão ligeiramente, para acrescentar uma ou outra linha a esta ou àquela página.** ("§ 8. O luar de Caraíbas tudo explica..."); **Fiquei outros quinze dias sem mexer nestes cadernos. Creio que já não tenho mais nada para escrever, pois a vida se torna vazia, vazia**. ("§ 90. Lagoa Santa").
2. Quando Belmiro se dedica a apresentar e explicar a linguagem dos malandros que conhecera na prisão, em particular no "§ 63. Lunfa de penosa", que começa assim: **Tive duas visitas esta noite: Florêncio e o investigador Parreiras. (...) Aproveitei a presença do Parreiras para um esclarecimento a respeito da conversa dos lunfas, pedindo-lhe explicação da gíria que lhes ouvi. Tenho pruridos filológicos quando as namoradas me abandonam. Disse-me o investigador que *lunfa de penosa* significa ladrão de galinha.** E assim, termos da linguagem dos malandros da prisão são apresentados e explicados a Belmiro – e indiretamente ao leitor – por Parreiras.

A **intertextualidade** é o "diálogo entre textos", o aproveitamento em um texto literário de texto(s) de outro(s) autor(es), o que acontece por diversas vezes ao longo do diário de Belmiro, em particular quando ele comenta as idéias de Silviano sobre o "problema fáustico" [2] (mais detidamente no "§ 20. Silviano e o problema fáustico"). Outros exemplos:

1. **Fiquei satisfeito com o precedente ilustre que a memória me veio trazer e lembrei-me de umas palavras do excelente Montaigne: "A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros."** ("§ 4. Questão de obstetrícia")
2. **Fali na vida por não ter encontrado rumos. Este Diário, ou coisa que o valha, não é sintoma disso? (Ocorrem-me umas palavras bem significativas de Gregorio Marañón:** "En el hombre adulto la práctica del Diario equivale a una supresión progresiva de la personalidad activa, social, de su autor. En realidad un Diario equivale a un lento suicidio"*)*. ("§ 72. Perplexidade de Glicério")

• **O humor irônico, sarcástico, zombeteiro** – Aparece em várias passagens do livro; o humor parece ser uma defesa de Belmiro diante da mediocridade de sua vida: ao rir do mundo e rir de si mesmo, ele consegue suportar mais facilmente a sua existência sem graça. Exemplos:

2 Fausto é uma personagem lendária, que teria vendido a alma ao demônio, Mefistófeles, em troca de conhecimento, bens e felicidade terrestre. O personagem foi imortalizado por vários autores, em especial por Goethe (1749-1832), o mais célebre escritor alemão.

1. **Quanto ao que pensam de mim os velhos companheiros, Redelvim e Silviano o exprimiram: para o primeiro serei um céptico pequeno burguês que, não por ação, mas por omissão, serve o sistema capitalista; para o segundo, sou um homem fraco, que não tem o senso da hierarquia e tende para um igualitarismo dissolvente. (...) Ora, o burguês Belmiro! Redelvim deu para humorista. Fazendo minhas contas, durante o dia, vi que a simples aquisição de umas botinas novas me desequilibrou o orçamento deste mês.** ("§ 14. Analgésico etc.")
2. **Grande coisa é encontrarmos um nome imponente, para definir certos estados de espírito. Não se resolve nada, mas ficamos satisfeitos. O homem é um animal definidor.** ("§ 21. Uma data importante")
3. **Desde que se inventou a datilografia, e as mulheres (de preferência moças e bonitas) têm sido ocupadas nesse ministério, as complicações se multiplicaram na face da terra.** ("§ 26. Nova conversação com Jandira")

O crítico Antonio Candido analisou assim a relação entre os estilos de Cyro dos Anjos e Machado de Assis:

Falou-se muito em Machado de Assis a propósito de Cyro dos Anjos, insistindo-se sobre o que há de semelhante no estilo e no humorismo de ambos. O que não se falou, porém, foi da diferença radical que existe entre eles: enquanto Machado de Assis tinha uma visão que se poderia chamar dramática, no sentido próprio, da vida, Cyro dos Anjos possui além dessa, e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. O que é admirável, no seu livro, é o diálogo entre o lírico, que quer se abandonar, e o analista, dotado de humor, que o chama à ordem; ou, ao contrário, o analista querendo dar aos fatos e aos sentimentos um valor quase de pura constatação, e o lírico chamando-o à vida, envolvendo uns e outros em piedosa ternura. Esta alternância, que ele emprega também como um processo literário, encontramo-la de capítulo a capítulo, de cena a cena, na própria construção do estilo. E a certa altura, o amanuense a torna explícita:

Tais desnivelamentos é que compõem minha vida e lhe sustentam o equilíbrio. A um Belmiro patético, que se expandiu, enorme na atmosfera caraibana contemplando a destruição da suas paisagens, sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. Chegado à sua toca da Rua Erê, o Belmiro egresso de Caraíbas se apalpa, se reajusta e assobia a fantasia do hino nacional de Gottschalk."

Outro aspecto interessante da linguagem empregada no livro é a atenção de Belmiro ao registrar a linguagem coloquial, que foge ao padrão da norma culta, em diversas circunstâncias, como por exemplo nos diálogos na roda de amigos do amanuense, mas em especial nas relacionadas a seguir:

- **Falas de Emília e Francisquinha** – O próprio Belmiro comenta a linguagem usada pelas irmãs:

Lembra-me o desgosto que se estampava em sua fisionomia, quando Emília ou Francisquinha (antes de se agravar a perturbação desta última) falavam errado em sua presença. A velha Maia tinha, também, grande tristeza, mas, espírito mais conformado, resignava-se. Foram criadas como bicho-do-mato. Como isso doía ao Borba, que sonhava mandá-las estudar em Diamantina! Vivendo só na fazenda e em meio de antigas escravas, que lá permaneceram depois do 13 de maio, Emília e Francisquinha aprenderam com elas o pouco que sabiam do mundo e da língua. ("§ 89. Nhô Borba")

Exemplos dessa linguagem "aprendida com as ex-escravas":

"– Falou não. Mandou arreiá a besta e dis-qui-ia na roça do Corr-go."

"– Não carece falar não, que eu já sei. Pensa que a gente não entende das coisas! Pensa que a gente não entende das coisas!"

"– Se 'alguém' quisé almoçá o almoço tá na mesa!"

• **Falas dos imigrantes italianos de Belo Horizonte** – Aparecem no episódio que conta a fuga do filho do imigrante Giovanni, caso que Belmiro ajudou a resolver:

"– Madona Santa! Sior Bermir, cal vegna veder sior Joanin que lestá a crepar de dispiazer parché el bambin l'andá via!"

"– Son un disperat, pur un infelice! Me fiol! Me fiol! Só minga cos faró!"

"– El me bambin, puareto, gavega minga tanta colpa, l'andá dré ai auter, ma mi son andá in furia e giu bastonate, meu caro sior. ... Mi voleva far del fiol un duttor, sior!"

• **Vocabulário dos "lunfas" (malandros, bandidos, marginais)** – Belmiro entra em contato com essa variante lingüística ao passar um tempo preso, por causa das complicações políticas em que se metera Redelvim. Curioso, pede a um amigo seu, investigador, que lhe elucide o significado de termos como: "lunfa de penosa" (ladrão de galinha), "cana" (prisão), "punguista" (batedor de carteira), "tira" (policial), "acampanar" (vigiar um suspeito), "grinfa" (garota, namorada), "afanar" (furtar, roubar), "couro" (carteira de dinheiro), "pássaro" (detento), "gaiola" (prisão).

Interpretação: para gostar do "Amanuense"

Para finalizar nosso roteiro de leitura, gostaríamos de tentar responder a uma pergunta que, provavelmente, muitos dos leitores, em especial aqueles que se viram "obrigados" a ler este livro para prestar um vestibular, devem ter se feito: que interesse há na vida de Belmiro? O que tem a dizer uma existência medíocre, que é narrada justamente porque aquele que a vive procura, de alguma forma, espantar o tédio e evitar o naufrágio nas águas por demais paradas do seu dia-a-dia?

Belmiro é um personagem típico da literatura brasileira, que o crítico e poeta José Paulo Paes definiu como o "pobre diabo" [3]: proveniente de uma família que teve alguma importância ou tradição, mas foi vitimada pela decadência, agarrado ao serviço público como forma de evitar a pobreza proletária, sem capacidade de opor resistência interior à força da realidade, mesmo quando tenta se ensimesmar para fugir do mundo, enfim, um fracassado. O escritor Mário de Andrade observou, na geração a que pertenceu Cyro dos Anjos, a recorrência desse herói "desfibrado, incompetente para viver, e que não consegue opor elemento pessoal algum, nenhum traço de caráter, nenhum músculo como nenhum ideal, contra a vida ambiente" [4].

Belmiro sequer chega a ser um anti-herói, pois não se opõe a nada; não nos causa antipatia, apenas pena. Então, que interesse há nele e em sua história? A resposta talvez esteja na interpretação de uma passagem do seu diário, que se dá após a partida do navio de Carmélia e Jorge para a Europa:

§ 79. Partida

(...) Andei, andei, mas sempre retrocedendo para o mar, que me atraía. Preciso voltar para Minas. O mar me perturba. A paisagem, de rio e floresta, está presa a uma condição melancólica: foi feita para ser vista apenas uma vez. (...)

Não assim o panorama do mar, que é vário e a cada instante se recria. Cada onda lhe traz formas distintas, cada vaga, traços novos, de vida.

§ 80. As vozes atlânticas

Recuei instintivamente.

Pareceu-me que do mar me vinha qualquer mensagem, inexprimível por palavras, e contudo inquietante. Uma grande voz confusa se erguia do fundo das águas, arrastando-se como um trovão longínquo. As trombetas do Juízo Final deverão ser, assim, a um tempo distantes e próximas, surdas, mas dominadoras. Ouvi-las-emos é dentro da alma, sem a interferência dos sentidos, tal como ouvimos a voz do mar.

Há, neste, uma inteligência e um anseio de comunicação que nos fazem estremecer. Que segredos guarda, para que lhe tenham paralisado a língua?

Ainda assim o grande paralítico nos manda sua fala, que é intraduzível, porque na linguagem do cosmos.

Em alto estilo apocalíptico nela encontraremos resposta às nossas questões. Nossa alma se inclina sobre si mesma e procura, nos seus recônditos, o pensamento revelador. Por que o mar nos transporta às reflexões sobre o amor e a morte? O amor e a morte encerrarão o destino do homem? Por que, também, nos convida a romper nossas limitações? Dir-se-ia que nos propõe a medida da latitude e da profundidade das suas águas inquietas.

Procurei, nesta noite extraordinária, captar a surda mensagem. Que imperiosas determinações me vinham das águas atlânticas? O corpo sem nervos, os olhos sem brilho, a alma sem forças receberam um hálito forte.

Eis que surgiu um Belmiro poderoso e elementar. Um Belmiro dominador, atlântico, ao pé do qual o pobre Belmiro, sufocado entre montanhas, era um verme a rastejar. Esse Belmiro avultava cada vez mais no espaço e percorria o tempo, devassando todas as idades...

3 Paes, José Paulo, "O pobre diabo no romance brasileiro". Novos Estudos - Cebrap - nº 20, São Paulo, março de 1998, pp. 38-53.
4 Apud Paes, José Paulo, op. cit.

Por que me perturba, assim, o mar? Diante dele, quando devia amesquinhar-me, exalto-me e quero compartilhar de sua energia cósmica. De onde nos será possível descortinar o alto panorama? Qual será o caminho – o da humanidade ou o da dureza?

Deixando o arpoador, senti-me lúcido e triste, como o marinheiro do poeta. Ficaram-me desejos confusos de amor e de aniquilamento. Se ao menos o amor se definisse, teríamos um sentido. Mas, que sabemos do amor? Impossível fixá-lo, encontrar-lhe a expressão real, permanente. Ele se compõe da variedade e da ondulação. Conhece todas as gradações, e seu objeto é ora fixo, ora móvel, ora uno, ora múltiplo.

Ainda estou a ouvir, como a uma sinfonia wagneriana, as vagas que batem no rochedo. A voz do grande paralítico.

"Por que me perturba, assim, o mar?" – esta a inquietação belmiriana. Ora, o que é o mar senão o vaivém constante e monótono das ondas, alterado aqui e ali por um vento mais forte? Por que o mar faz refletir tanto "sobre o amor e a morte"? Por que nos "convida a romper nossas limitações"? Por que nos infunde energia quando devíamos nos amesquinhar diante de tanta grandeza?

A resposta à pergunta primordial do amanuense: "Por que me perturba, assim, o mar?" talvez não exista. Afinal, o que é sua vida senão a monotonia perturbadora, alterada vez ou outra por acontecimentos que não chegam a extraordinários? Por que Belmiro reflete tanto sobre o amor (Carmélia) e os mortos do seu passado (Vila Caraíbas)? Por que não se satisfaz com a sua rotina ou a contemplação interior dessa rotina e se angustia escrevendo um diário sobre essa mesma rotina, vivendo duas vezes – na realidade e no papel – sua vida medíocre? Por que não se entrega definitivamente e insiste, acompanhando Carmélia até a sua partida definitiva no Rio de Janeiro, ajudando os amigos todos quando dele necessitam? São perguntas a que o amanuense não conseguiria, muito provavelmente, responder. Assim como o mar, ele é o "grande paralítico", incapaz de fazer rodar a sua Roda da Fortuna, mas infundindo energia na vida, vivendo seu vaivém.

Mas não será essa a vida da maioria das pessoas? A rotina do trabalho, a rotina da família, a rotina dos amigos, e uma suave melancólica que nos acompanha e que curamos de várias formas: alguns com arte, alguns com álcool, alguns com desdém, alguns fazendo de conta que não há melancolia nem rotina, alguns se conformando, alguns – como Belmiro – escrevendo livros que levam outros (nós mesmos...) a pensar na mediocridade (ou não...) das nossas próprias vidas e dos nossos semelhantes. Talvez a resposta às inquietações de Belmiro e àqueles que se sentiram trouxas ao lerem sua história, ao descobrirem que "o livro não tem história" ou "não acontece nada no livro" (como reclamam tantos alunos...), talvez a resposta, repetimos, tenha sido dada pelo poeta Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa: "O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério! / O único mistério é haver quem pense no mistério./ (...) O único sentido íntimo das cousas / É elas não terem sentido íntimo nenhum."

O próprio Belmiro parece reconhecer, com bom humor, o sofrimento humano advindo das nossas inquietações existenciais. Lembremos que o diário começa quando um cachorro se põe a latir no meio da noite, e o amanuense precisa ocupar de alguma maneira o tempo da insônia. Pois bem, há um outro cachorro no livro, está no "§ 84. Um 'vira-lata'" (como Belmiro...). O amanuense o encontra no meio da rua, com uma lata de lixo entalada na cabeça (em "ridícula postura", como Belmiro na vida...), e tenta ajudá-lo, mas ele, cego, foge assustado. É assim que Belmiro analisa o episódio: **Não é muito recomendável estar fuçando as coisas e quem as fuça deve agüentar as conseqüências, com a resignação de quem espalhou ventos e acabou colhendo tempestades. Mas o cão não era porventura permeável às palavras de eterna sabedoria, que por aí circulam nos adágios. (...) Que pensaria ele naquela situação? O mundo, através de uma lata de lixo, não deve oferecer paisagens atraentes, ou aromas amáveis. (...) Qualquer coisa me liga a esse cachorro magro e abandonado que encontrei na Rua dos Pampas.**

A analogia é por demais evidente para ser explicada...

Trechos para leitura

§ 4. Questão de obstetrícia

Já estava palmilhando a terra vaga do sono, para frente, para trás, segundo a luta surda que se trava em nós, entre uma parte do eu, que aspira ao abandono, e outra que contra ele reage, talvez pelo receio inconsciente que inspira o adormecer, imagem da morte; ganhava-me o corpo uma doce lassidão, e o espírito se embebia no torpor que afrouxara os nervos; apenas impressões vagas, prestes a se apagarem, me vinham das coisas, e a uma reminiscência tênue, quase a esvaecer, reduzia-se esta lembrança permanente com que, no estado de vigília, a memória sustenta, a cada instante, nossa precária unidade psíquica, ligando o momento que passou ao momento presente. De corpo e espírito, achava-me, pois, preparado para o repouso e já me aconchegava, repetindo, instintivamente, as posições do embrião no ventre materno, quando, arrancando-me daquele quebranto, o cão dos fundos se pôs a ladrar, com um método que indicava disposição sólida de latir pela madrugada toda. Previ a catástrofe, em sua extensão, e repreendi-me por já não ter ministrado uma "bola" ao canino demônio.

Pequena pausa sobrevinda me deu a esperança de que o mastim houvesse mudado de intenção. Podia ser que chegasse logo à conclusão de que não havia motivo para maiores alarmas: fora o galo do outro quintal que, por equívoco, batera as asas para anunciar o prelúdio do alvorecer e, porventura verificando adiantamento no relógio, limitara-se ao bater de asas, contendo o anúncio na garganta. Mas, ou porque o guarda do quintal contíguo não identificasse o rumor produzido pela ave, ou porque ainda houvesse, no ar, um desses barulhos sutis, que só os cachorros percebem, zelosos que são do seu ofício, logo recomeçou ele a ladrar, advertindo às possíveis sombras de que não se dormia naquele honrado canil. Tratando-se de mero latido de advertência, sem ódio nem convicção, o cão não se apressava, nem latia mais alto, ou mais baixo: o tom era terrivelmente um só e as pausas pareciam medidas em cronômetro.

Subitamente, tomou-me indizível fúria. Tudo se me escureceu em torno e pareceu-me que as sombras se agitavam, numa conspiração universal contra mim. Saltei da cama, cego de raiva, já

munido da primeira arma que a mão encontrou, e que era um sapato velho. Abrindo a janela, num relance, atirei-o às tontas ao meio da rua, embora o conhecimento da geografia do quarteirão me habilitasse para localizar o animal no lado oposto, em quintal vizinho.

Ora, isso apenas serviu de estímulo ao ladrante: ganhou alento e entusiasmo, já certo de que algo havia para justificar suas precauções. Mas não repeti o gesto. Satisfeita a fúria dos Borbas, que se contenta com arremessar qualquer objeto a esmo, meus nervos se apaziguaram, e, daí a pouco, de novo no leito, sorri para dentro de mim mesmo, com ternura. Afinal, isso está no sangue. Esses repentes, esse ódio súbito, insopitável, que passa como um relâmpago depois de a gente ter feito uma quixotada, é alguma coisa que me ficou dos Borbas. Lembrei-me do avô (o último Porfírio), que era tal qual. No dia em que uma chuva inesperada viera estragar o café posto a secar no terreiro, ele ficou possesso de raiva, sacou da garrucha e desfechou dois tiros para o ar... Em seguida, caiu numa grande prostração e permaneceu casmurro o dia todo.

Como o avô Porfírio, procedi à maneira de Xerxes, quando, indignado com a procela que lhe destruiu a frota, mandou zurzir o mar.

Fiquei satisfeito com o precedente ilustre que a memória me veio trazer e lembrei-me de umas palavras do excelente Montaigne: "A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros". "Parece que, abalada e comovida, se perde em si mesma se não lhe damos presa; cumpre fornecer-lhe sempre objeto em que possa aplicar-se e atuar." Com efeito, devemos sempre ter à mão um sapato velho para o serviço da alma. Graças a ele, aqui estou calmo a escrever estas linhas em que vai toda a história de mais um Natal que passa.

É plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia.

"Por que um livro?" foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. "Já não há tantos? Por que você quer escrever um livro, seu Belmiro?" Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz um mortal, havendo tantos. Se estivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida. Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. E isso é razão suficiente. Posta de parte a modéstia, sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia de espaço. Ai de nós, gestantes.

O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre, e esta noite insone de Natal (as sinistras noites de insônia, responsáveis por tanta literatura reles!) traz-me um desejo irreprimível de reencetar a tarefa cem vezes iniciada e outras tantas abandonada. Jandira acredita que não foi reservado a mim deixar à posteridade qualquer importante mensagem. Deve ter razão: se cá dentro deste peito celibatário tem havido coisas épicas, um Belmiro (que costuma assobiar operetas) insinua que as epopéias de um amanuense encontram seu lugar justo é dentro da cesta. Este mesmo Belmiro sofisticado foi quem matou dois outros livros, no decurso dos dez últimos anos. Um, no terceiro capítulo, e outro na décima linha da segunda página. Enterrei-os no fundo do quintal, como se enterravam os anjinhos sem batismo, em Vila Caraíbas. Sobre a cova brotou uma bananeira.

***On revient toujours*: hoje recomeça a mesma aventura, no mesmo quarto envelhecido desta patética Rua Erê, enquanto as carrocinhas de pão começam a percorrer o Prado e meus amigos operários devem estar procurando o caminho da fábrica de calçados.**

Amanhece o dia, do outro lado do quartel do Décimo. Reconciliei-me com o cão e com o livro.

Não sei bem o que me sairá das entranhas. Comecei contando o Natal que acabou e falando nos amigos e na parentela. Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou e, desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio.

§ 33. Ritornelo

Escapou-me ontem, à noite, esta lamentação: acham-se no tempo, e não no espaço, as gratas paisagens. Verifique esse angustiante fenômeno quando, em 1924, fui à Vila pela última vez. O Borba já havia morrido, a fazenda passara a outras mãos e as velhas já aqui estavam com sua extravagante bagagem.

Camila ainda vivia. Lembra-me quão penoso foi o encontro com o passado. Lembra-me o dia em que só, debruçado no peitoril da varanda, na fazenda, em hora por si mesma de intensa melancolia – a hora rural do pôr-do-sol –, fiquei a percorrer, com um vago olhar, as colinas e os vales que se desdobravam até ao azul da Serra do Juramento, muralha do meu mundo antigo.

Na verdade, os olhos apenas refletiam imagens, logo as devolvendo para o exterior, porque algo impedia uma comunicação entre o mundo de fora e o de dentro, rico de uma paisagem, mais numerosa, que só possuía, em comum com aquele, os esfumados traços de coisas que se vão extinguindo, ao morrer da luz, e pesada tristeza, que, em certas oportunidades, nos parece estar no fundo e na forma de cada coisa em vez de se localizar em nós mesmos.

Em vão busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos.

Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir e se arremessou para trás, inapelavelmente. Vila Caraíbas, a montanha, o rio, o buritizal, a fazenda, a gameleira solitária no monte – que viviam em mim, iluminados por um sol festivo de 1910, ou apenas esboçados por um luar inesquecível que caiu sobre as coisas, naquela noite de 1907 – ali já não estavam. Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. A namorada, a lagoa.

Camila era a virgem na sua realização integral, ou, quem sabe, arquétipo, e não criatura. A essência da juventude parecia haver-se aprisionado em seus gestos, para sempre, e seus olhos me diziam da Eternidade. Segredos de moça em flor, tranças de 1910, polcas no salão cheio de retratos, ao som do velho piano. O luar, a serenata, o campo orvalhado em manhãs de maio, com um sol grande a despontar na serra, e borboletas, e beija-flores, e a lagoa, o buriti, os irmãos pássaros. Que restava de tudo, afinal?

O que a meus olhos surgiu foi a sombra miserável de um tempo que morreu. O sertão estraga as mulheres e a pobreza as consome. Mas, devastação maior lhes causa porventura a nossa imprudência, ao cotejar com a realidade as invenções de uma desenfreada fantasia. A lagoa foi drenada e convertida em pasto. Como se pode suprimir uma lagoa? Como se pode cortar uma árvore? É como se destruíssemos algo humano, vivo, fremente.

A velha fazenda, dos Borbas, exibiu-me apenas a ossatura desnuda daquilo que, em outros tempos, fora um corpo exuberante de vida.

Percebi que vago delírio se apossara de mim, envolvendo-me naquela onda de saudade e naquele desejo de encontrar uma forma de morte, que é procurar as sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo.

***

Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. Mas não me refiro à perda da matéria, no domínio físico, e quero apenas significar que, assim como a matéria se esvai, algo se desprende da coisa, a cada instante: é o espírito cotidiano, que lhe configura a imagem no tempo, pois lhe foge, cada dia, para dar lugar a outro, novo, que dela emerge. Esse espírito sutil representa a coisa, no momento preciso em que com ela nos comunicamos. Em vão o procuramos depois; o que, então, se nos depara é totalmente estranho.

Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós. A alma das coisas, em certa manhã de maio no ano de 1910, ou em determinada noite primaveril, doce, inesquecível, fugiu nas asas do tempo e só devemos buscá-la na duração do nosso espírito.

§ 84. Um “vira-lata”

Voltando para casa, esta noite, encontrei um pobre cão em ridícula postura. De tal modo insinuara ele o focinho numa lata de lixo, que esta se lhe prendeu à cabeça, não mais largando dali, apesar dos esforços desesperados do animal. É o que presumo com indiscutíveis fundamentos, pois fui encontrar o rafeiro já um tanto cansado, com as patas traseiras em repouso, o corpo apoiado nas dianteiras e o focinho para cima, isto é, a lata para cima, na direção das estrelas.

Como eu me aproximasse, para o livrar do incômodo apêndice, e ele ignorasse minhas intenções, pôs-se a correr como pôde, dando com a lata aqui e acolá, para tortura de um focinho possivelmente magro, a julgar pela miséria orgânica do resto do corpo.

Afinal, deixei-o consigo mesmo. Bem podia ser que ele me agradecesse o beneficio com uma dentada, refleti, para ter em paz a consciência.

Era um autêntico "vira-lata", esse que surpreendi em tão difícil conjuntura, na meia-noite silenciosa da Rua dos Pampas. O "vira-lata" deveria estar preparado espiritualmente para semelhantes situações. Não é muito recomendável estar fuçando as coisas e quem as fuça deve agüentar as conseqüências, com a resignação de quem espalhou ventos e acabou colhendo tempestades. Mas o cão não era porventura permeável às palavras de eterna sabedoria, que por aí circulam nos adágios. Ainda o vi ao longe, batendo a lata em quantos obstáculos encontrava no caminho.

Que pensaria ele naquela situação? O mundo, através de uma lata de lixo, não deve oferecer paisagens atraentes, ou aromas amáveis.

Simpatizei com o cão e lamento que os animais não estejam a cobro do ridículo. Fez-me pena, mas também me fez rir. E cá o ponho nesta página. Qualquer coisa me liga a esse cachorro magro e abandonado que encontrei na Rua dos Pampas.

§ 94. Última página

Tendo verificado que se esgotara minha provisão de papel, Carolino me trouxe esta manhã uma porção de blocos. Sangrou rudemente o almoxarifado da Seção do Fomento...

Previdente e providente amigo! Esqueceu-me comunicar-lhe que já não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever.

Ai de mim! É necessário, porém, fazer qualquer coisa, para empurrar os presumíveis trinta e dois anos que me restam. Trinta e dois anos, sim. Em média, os Borbas vão até aos setenta, mesmo com o coração descompensado. Acho-me pouco além do meio da estrada, e parece-me, entretanto, que cheguei ao fim. Negação de Belarmino, de Porfírio, de Firmino e de Baldomero... Dois deles, chegados aos oitenta, ainda pediam mais dez. Viviam com plenitude os velhos Borbas da linha-tronco. Viviam a vida. Quando um tombava, parecia queda de gameleira ferida pelo raio. Não morriam aos poucos, vendo o corpo consumir-se lentamente.

– Que faremos, Carolino amigo?

Biografia & obras

Cyro dos Anjos (C. Versiani dos A.), jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, em 5 de outubro de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro, em 4 de agosto de 1994. Eleito em 1º de abril de 1969 para a Cadeira nº 24, na sucessão de Manuel Bandeira, foi recebido em 21 de outubro de 1969, pelo acadêmico Aurélio Buarque de Holanda. Foi o 13º dos 14 filhos do casal Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos. Fez o curso primário em Montes Claros e começou seus estudos secundários, aos 13 anos, na Escola Normal da mesma cidade. Em fins de 1923, foi para Belo Horizonte, a fim de estudar humanidades e fazer o curso de Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, pela qual se formou em 1932. Durante os anos de faculdade, trabalhou como funcionário público e jornalista. Trabalhou no *Diário da Tarde* (1927); no *Diário do Comércio* (1928); no *Diário da Manhã* (1920); no *Diário de Minas* (1929-1931); em *A Tribuna* (1933) e no *Estado de Minas* (1934-1935). Depois de formado, tentou a advocacia na sua cidade natal. Desistindo da profissão, voltou à imprensa e ao serviço público. Em Minas, exerceu os seguintes cargos: oficial de gabinete do secretário das Finanças (1931-1935); oficial de gabinete do governador (1935-1938); diretor da Imprensa Oficial (1938-1940); membro do Conselho Administrativo do Estado (1940-1942); presidente do mesmo Conselho (1942-1945). Foi professor de literatura portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1940-1946), na qualidade de fundador. Em 1933, como redator de *A Tribuna*, publicou uma série de crônicas que seriam o germe do seu mais famoso romance, *O amanuense Belmiro* (1937), de análise psicológica, escrito na linha machadiana, explorando a vida de um funcionário público da capital mineira. Em 1946, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde ocupou, durante o governo Dutra, as funções de assessor do ministro da Justiça, diretor do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado – Ipase (1946-1951), e presidente do mesmo Instituto, em 1947. Colaborou também em diversos órgãos da imprensa carioca. Convidado, em 1952, pelo Itamaraty, a reger a cadeira de Estudos Brasileiros, na Universidade do México, residiu nesse país até 1954, quando foi transferido para igual posto na Universidade de Lisboa. Em Portugal publicou o ensaio *A criação literária* (1954). Em fins de 1955 regressou ao Brasil, e, em 1957, foi nomeado subchefe do gabinete civil da Presidência da República. Com o governo Kubitschek, transferiu-se para Brasília, onde exerceu, depois, as funções de conselheiro do Tribunal de Contas e de professor da Universidade. Participou da Comissão designada pelo Governo Federal, em 1960, para planejar a Universidade Nacional do Brasília, vindo a ocupar a função de coordenador do Instituto de Letras da mesma Universidade. Ali regeu, na qualidade de professor titular extraordinário, em 1962, o curso "Oficina literária". Aposentado em 1976, voltou a residir no Rio. Não se desligou das atividades do ensino, continuando a ministrar, na Faculdade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o curso "Oficina literária". Recebeu os seguintes prêmios literários: da Academia Brasileira de Letras, pela publicação do romance *Abdias* (1945); do PEN-Clube do Brasil e da Câmara Brasileira do Livro, pela publicação dos livros *Explorações no tempo* (1963) e *A menina do sobrado* (1979).

Obras: *O amanuense Belmiro*, romance (1937); *Abdias*, romance (1945); *A criação literária*, ensaio (1954); *Montanha*, romance (1956); *Explorações no tempo*, memórias (1963; com o texto revisto, passou a integrar *A menina do sobrado*, sob o título de "Santana do Rio Verde"); *Poemas coronários* (1964); *A menina do sobrado*, memórias (1979). Seu romance *O amanuense Belmiro* foi traduzido para o inglês e o francês.

[Biografia retirada do *site* da Academia Brasileira de Letras: http://www.abl100anos.com.br/cads/24/cyranjos.htm]

Exercícios

1- O capítulo I (*Merry Christmas!*) de *O amanuense Belmiro* apresenta um grupo de amigos em uma banal roda de chope, discutindo animadamente. A uma certa altura, a conversa toma o seguinte rumo:

– Cidade besta, Belo Horizonte! Exclamou Redelvim, consultando o relógio. A gente não tem para onde ir...

– Não acho! retrucou Silviano. Em Paris é a mesma coisa.

- Em Paris? perguntou Florêncio. Não sabia que você andou por Paris... É boa!

– Ó parvo, quero dizer que o problema é puramente interior, entende? Não está fora de nós, no espaço!

a) Qual é o "problema" a que se refere Silviano?

b) Relacione esse "problema" ao diário que Belmiro decide escrever.

2- Leia o início do capítulo 6 (Carnaval) de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos:

Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: *minha vida tem sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba*. Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da Secretaria para o café e do café para a Rua Erê. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo.

Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões, interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo e nele vêm produzir desnivelamentos que suscitam mais fundos movimentos interiores. (...)

***Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente e muitas as do passado.* E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações.**

a) Caracterize brevemente os três tipos de relações sociais estabelecidas por Belmiro nos três espaços a que se resumem sua vida: a Secretaria, o café e a Rua Erê.

b) Relacione o trecho em destaque do primeiro parágrafo com o título do livro.

c) Apresente um fato do enredo que confirme as afirmações do narrador no segundo parágrafo.

d) Quais seriam as "imagens do passado" a que faz referência Belmiro no trecho destacado do último parágrafo?

e) Relacione a sua resposta ao item anterior à seguinte afirmação do narrador personagem em outra passagem da narrativa: "Escapou-me ontem, à noite, esta lamentação: acham-se no tempo, e não no espaço, as gratas paisagens".

3- A certa altura da narrativa, Belmiro faz a seguinte observação sobre o seu grupo de amigos:

Desde muito, as discussões vem azedando nossa pequena roda e vejo que ela não tardará a dissolver-se, pois há *forças de repulsão*, mais que afinidades, entre esses inquietos companheiros.

a) Dê exemplos dessas "forças de repulsão" entre os amigos de Belmiro.

b) Caracterize Florêncio e Silviano, dois amigos dessa roda que se repelem.

Respostas

1-

a) O problema é um certo tédio de viver, a falta de perspectivas, a indecisão existencial que assola a maior parte do grupo de Belmiro – a exceção é Florêncio.

b) Belmiro decide escrever o seu diário para tentar entender o que aconteceu na sua vida que a levou a um estado de paralisia. Ele tentará resgatar o passado para entender o seu presente e, quem sabe, ampliar as perspectivas para o futuro.

2-

a) A Secretaria onde Belmiro trabalha (na Seção de Fomento) é o espaço que lhe dá o parco sustento. Lá, sua única relação mais próxima é o amigo Glicério. O café é uma denominação genérica para os pontos de encontro da turma de amigos do protagonista (bares, cafés, praças). É o espaço mais vital para Belmiro, uma vez que lhe proporciona maior satisfação e um certo esquecimento do seu fracasso existencial. A Rua Erê é o espaço familiar, é a casa onde vive, com as duas irmãs, lembranças vivas de um passado que insiste em voltar – a infância em Vila Caraíbas e sua relação com o pai.

b) A insignificância da vida de Belmiro está diretamente relacionada à sua ocupação: ele é um amanuense (funcionário público de escritório), ocupa um cargo medíocre, em que não trabalha realmente, nada realiza e lhe dá uma renda que é o mínimo para sobreviver com alguma dignidade.

c) O episódio do Carnaval, em que Belmiro é arrastado por uma multidão e encontra Carmélia, exemplifica as afirmações do segundo parágrafo. A moça, figura embaçada de um episódio fugaz do tempo em que chegou a Belo Horizonte, tornar-se-á alvo de um amor platônico que produz reviravoltas na vida monótona do amanuense, além de se associar às imagens do passado que teimam em voltar (o mito infantil da donzela Arabela).

d) As imagens do passado são a sua relação com o pai, o amor infantil por Camila, o mito da donzela Arabela, enfim a Vila Caraíbas de sua infância e adolescência.

e) De fato, as imagens do passado não existem mais no espaço (quando voltou à Vila Caraíbas pela última vez, Belmiro nada delas encontrou), só permanecem na sua memória que devaneia sempre tentando recuperá-las – logo são imagens recuperadas ao tempo.

3-

a) Silviano e Glicério (de direita) se opõe a Redelvim e Jandira (de esquerda) no campo político; Silviano (um filósofo pretensamente erudito) se opõe a Florêncio (um sujeito simplório, boa-praça, que não se preocupa mais que com tomar o seu chope sossegado); Glicério se opõe a todos no grupo por ser o único que tem uma situação financeira confortável (seu pai tem dinheiro).

b) Silviano é um professor universitário e filósofo, vive uma crise de meia-idade (o que o leva a investir sempre sobre as moças, tentando tirar algum proveito) e dá-se ares de importância, tentando problematizar os mínimos obstáculos que enfrenta no dia-a-dia. Já Florêncio é um representante comercial, sujeito simples que não perde por nada um bom chope e uma boa piada. Sua maior preocupação é livrar-se da mulher para poder beber com os amigos.